



Instituto Politécnico de Santarém

Escola Superior de Educação

Promoção da Criatividade em Educação de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico.

Relatório final apresentado para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Tânia Ventura Santos

Orientadora

Helena Luís

Julho, 2015



Instituto Politécnico de Santarém

Escola Superior de Educação

Promoção da Criatividade em Educação de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico.

Relatório final apresentado para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Tânia Ventura Santos

Orientadora

Helena Luís

Julho, 2015

Agradecimentos

Prestes a concluir um dos objetivos especialmente importante da minha vida é com enorme reconhecimento que expresso aqui o meu mais profundo agradecimento a todos os que me apoiaram neste longo percurso e contribuíram para a realização deste sonho – ser educadora/professora.

Em primeiro lugar agradeço às duas pessoas que sempre me apoiaram e continuam a apoiar em todos os momentos da minha vida, os meus pais Luísa e Mário. É com todo o amor e respeito que lhes digo muito obrigada por tudo e por serem quem são, sem vocês a minha vida não seria a mesma coisa.

Um especial obrigada ao meu namorado Ricardo Ferreira pelo apoio e pela força que me prestou em todos os momentos. Agradeço-lhe também a compreensão, a persistência e o incentivo que me proporcionou durante todo o meu percurso.

Agradeço a todos os docentes e supervisores da Escola Superior de Educação de Santarém que contribuíram para a minha formação académica, à professora Marta Tagarro pelo apoio e disponibilidade, facultando-me as “ferramentas” essenciais para a construção do presente trabalho e em especial à Professora Helena Luís por toda a disponibilidade e apoio na orientação deste relatório.

Às professoras cooperantes pela forma como me receberam e “acolheram” nas suas salas e em especial à Professora Maria Amélia Morgado por se mostrar sempre disponível para me apoiar e aconselhar dentro e fora da sala, ajudando-me assim a ultrapassar todas as adversidades encontradas.

À educadora e professora de 1.º Ciclo do Ensino Básico (entrevistadas) por partilharem comigo as suas experiências e práticas vividas no trabalho, contribuindo assim para a presente investigação.

A todas as crianças e alunos que me proporcionaram momentos únicos de grande aprendizagem.

À minha família e amigos que sempre se preocuparam em estar presentes dando-me força, carinho e me encorajaram a acreditar que eu seria capaz e principalmente às minhas amigas Elisabete Crespo e Ana Botelho que se mostraram sempre disponíveis para me ajudar, dando-me força e ao mesmo tempo partilhando momentos. OBRIGADA POR TUDO!

Resumo

O presente trabalho consiste num relatório final no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Na primeira parte apresento as caracterizações da instituição, da sala e do grupo/turma onde decorreu a iniciação à prática profissional, o planeamento da atividade educativa, as situações pedagógico-didáticas e a avaliação.

De seguida é apresentado o trabalho de investigação onde procurei compreender como a criatividade pode ser desenvolvida em contexto de Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico de modo a facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Neste sentido elaborei um estudo exploratório em que através de duas entrevistas - a uma Educadora e a uma Professora do 1º Ciclo procurei aprofundar as questões de investigação formuladas.

No que se refere aos principais resultados, verifiquei que eram consistentes com a revisão de bibliografia efetuada, salientando a relevância da promoção da criatividade das crianças que frequentam estes contextos educativos e a possibilidade de ensinar de forma transversal todas as áreas de conteúdo.

Palavras-chave: Criatividade; Pré-escolar e 1.º ciclo do Ensino Básico.

Abstract

This paperwork consists of a final report within the Master's degree in Pre-school Education and 1st Cycle of Basic Education. In the first part I present the characterizations of the institution, the room and the group / class in which the initiation into professional practice has occurred, the planning of educational activity, the pedagogical-didactic situations and assessment.

Then, we present the research work with which I sought to understand how creativity can be developed in kindergarten context and in the 1st Cycle of Basic Education in order to facilitate the learning and development of children. In this sense, I elaborated an exploratory study where in, through two interviews - an educator and a teacher of the 1st Cycle- I tried to deepen the formulated research questions.

Regarding the main results, I found that they were consistent with the literature review carried out, highlighting the importance of promoting creativity of children attending these educational settings and the ability to teach transversally all content areas.

Keywords: Creativity; Pre-school Education and 1st Cycle of Basic Education

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract	iii
Índice de figuras	v
Índice de anexos.....	vi
Introdução.....	1
PARTE I - Contextos de Estágio.....	3
Contexto de Estágio e Prática Supervisionada em Educação de Infância Jardim de Infância (Pré-escolar).....	3
Contexto de Estágio e Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico	10
Contexto de Estágio e Prática Supervisionada em Educação de Infância Creche.....	18
Percurso investigativo.....	27
PARTE II – Prática Investigativa.....	28
Introdução (Justificação do Estudo)	28
Revisão da literatura	29
Objetivo e questões.....	38
Metodologia da pesquisa	39
Participantes.....	39
Instrumentos de recolha de dados.....	39
Procedimentos	40
Recolha e análise de dados	41
Discussão dos resultados	48
PARTE III - Reflexão final	51
Referências bibliográficas	54
Anexos.....	59

Índice de figuras

Figura 1 - Materiais da natureza.....	45
Figura 2 - Mesa de luz.....	45
Figura 3 - Mesa de luz.....	46
Figura 4 – Atividade através de um projetor.....	46
Figura 5 - Atividade sobre o 25 de abril.....	46
Figura 6 - Experiências	47
Figura 7 - Pentaminós	47
Figura 8 - Girafas	47
Figura 9 - Personagens da história	47

Introdução

O presente relatório visa dar a conhecer aos leitores todo o trabalho desenvolvido ao longo dos contextos de estágio realizados no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, integrada no Mestrado de Educação Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico lecionadas na Escola Superior de Educação pertencente ao Instituto Politécnico de Santarém Os estágios foram realizados em diferentes contextos, nomeadamente em Jardim de infância, 1º Ciclo do Ensino Básico e em Creche. Dou ainda a conhecer uma componente de investigação.

Ao longo dos estágios, diversos foram os temas e as questões que me surgiram e por isso foram feitas pesquisas, recolhas de informação de modo a refletir e analisar as minhas aprendizagens e o meu processo evolutivo. Para além de outros temas, a criatividade foi o que me despertou um maior interesse, visto que a sociedade atual carece cada vez mais de seres humanos criativos, isto é, capazes de descobrir soluções perante determinados problemas que possam aparecer no seu dia a dia. Neste sentido, como afirma Oliveira e Alencar (2010) a criatividade está presente em toda a vida, sobretudo na vida profissional e na educação, sendo por isso um elemento fundamental, onde cada um de nós deve estar apto para lidar com as exigências e os desafios da sociedade. Pelo que referi anteriormente é deveras importante que desde cedo se encoraje a criatividade e por isso cabe à família, à escola e principalmente aos educadores/professores o papel de promover habilidades criativas. A família em conjunto com o educador/professor ao encorajarem a criatividade promovem a capacidade que a criança possui de explorar e compreender melhor o seu mundo e as suas perceções. Deste modo, as escolas devem ir ao encontro das necessidades das crianças/ alunos e proporcionar uma maior diversidade de estratégias/ formas para a realização das atividades. Diante desta realidade, o meu estudo teve como intenção perceber como uma Educadora de Infância e uma Professora de 1.º Ciclo do Ensino Básico lidam com a criatividade no contexto da prática, privilegiando as seguintes questões: “Qual o grau de importância atribuído ao desenvolvimento da criatividade nas crianças/ alunos?” e “Qual a forma de promover a criatividade através da prática em contexto educativo?

Sendo assim, a estrutura do meu relatório está organizada em duas partes. Na primeira parte são apresentados todos os contextos de estágios, inicialmente em Jardim de Infância, de seguida em 1.º Ciclo do Ensino Básico e por último em contexto de Creche. Em todos os contextos são apresentadas as caracterizações da instituição, da sala e do grupo/turma onde decorreu a prática, a integração na instituição, o planeamento da atividade educativa, as

situações pedagógico-didáticas e por fim a avaliação. Esta estrutura foi fundamental, uma vez que através da realização desta consegui ter uma maior percepção de como foi desenvolvida a minha prática.

Na segunda parte localiza-se o trabalho de investigação, cujo objetivo foi perceber como é que era promovida a criatividade no Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico. Este trabalho é constituído por uma justificação do tema que investiguei; pelo objetivo e as questões que pretendo ver respondidas; pela revisão de literatura, na qual refiro a relevância da problemática investigada; pela metodologia de pesquisa que é explicitada porque optei por uma metodologia qualitativa, de forma a esclarecer em que consiste; pelos participantes, que explicita a população alvo da investigação; pelos instrumentos de recolha de dados utilizadas para reunir a informação necessária à investigação, nas quais saliento a entrevista e por fim pela análise e interpretação dos dados retiradas das entrevistas.

A investigação termina com a discussão dos resultados, onde pretendo “aliar” a teoria às opiniões dadas pelas entrevistadas e uma reflexão final, onde faço o balanço sobre o meu percurso ao longo do mestrado.

PARTE I - Contextos de Estágio

Na primeira parte apresentarei os diferentes contextos de estágio, caracterizando as instituições, as equipas educativas, as famílias, as salas e os grupos de crianças onde desenvolvi a minha prática de ensino supervisionada. Destaco também a minha integração na instituição, o planeamento da atividade educativa, situações pedagógicas-didáticas e a avaliação.

Deste modo, irei primeiramente apresentar o contexto do Jardim de Infância, em seguida o do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2.º ano) e por fim o contexto em Creche.

Contexto de Estágio e Prática Supervisionada em Educação de Infância Jardim de Infância (Pré-escolar)

Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo 5/97 de 10 de fevereiro, a Educação Pré-Escolar designa-se como sendo:

A primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.
(Lei de Bases 5/97 de 10 de fevereiro: 670)

Caraterização do Contexto Institucional

A Prática Pedagógica em Educação Pré-escolar (Jardim de Infância) decorreu no 1.º semestre, entre outubro de 2013 a janeiro de 2014, numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), que presta serviços de Creche e Jardim de infância à comunidade.

A Instituição encontra-se localizada na cidade de Santarém, numa zona maioritariamente urbana. O edifício é constituído por dois pisos, localizando-se no rés do chão a valência de Pré-escolar, uma área de serviços de recursos humanos, o departamento financeiro, os serviços administrativos, a sala da coordenadora da instituição, as casas de banho, o refeitório, a cozinha, a biblioteca e o ginásio. No primeiro piso localiza-se a valência de Creche, as salas de refeições e as casas de banho. O espaço exterior é composto por três espaços parcialmente cobertos.

A sala de atividades estava organizada em diferentes áreas: biblioteca, manta, jogos de mesa, pintura, computador, garagem, ferramentas, jogos no chão, casinha, recorte e colagem e desenho. Tal como evidencia Hohmann e Weikart (2011) “ Definir áreas de interesse é uma maneira concreta de aumentar as capacidades de iniciativa, autonomia e estabelecimento de relações sociais das crianças” (p.165). Desta forma, a existência de áreas era de todo pertinente neste contexto, sendo importante determinar qual seria a sua melhor disposição. Estes autores defendem que a forma como uma sala está disposta proporciona aprendizagens mais estimulantes desde que devidamente organizada e sustentada na escolha e na ação das crianças.

Na sala onde decorreu a minha prática posso dizer que apesar de ser ampla, apresentava muitas falhas a nível de organização. A título de exemplo, as crianças “saltavam” de área em área sempre que queriam, deixando os brinquedos espalhados pelas diversas áreas gerando-se uma falta de organização do espaço, bem como conflitos entre as crianças. Observei que algumas escolhiam as áreas de seu interesse e permaneciam nelas durante toda a manhã ou mesmo em diversos dias, não fazendo trocas, isto é, não diversificando as suas brincadeiras/aprendizagens, nem permitindo que outras o fizessem. Ainda que concorde com o facto de ser a própria criança a decidir onde quer brincar/aprender, o tempo de permanência em cada área deve ser supervisionado pela educadora para permitir que todas realizem todas as atividades, tendo regras quanto ao uso de cada espaço, nomeadamente à sua arrumação e número de crianças presentes em cada área. A organização dos espaços acaba por influenciar o desenvolvimento das aprendizagens e da criatividade das crianças, tal como refere Zabalza (1992) “Criar um ambiente adequado: não se trata de ensinar nada, em sentido convencional, mas criar ambientes ricos e estimulantes que permitam, e potenciem, o desenvolvimento global de todas as crianças” (p.123).

Segundo o Ministério da Educação (ME) (1997) o educador deve questionar-se sobre a organização e utilização dos espaços, pois o modo como é organizado condiciona ou promove, em grande medida, o que as crianças fazem e aprendem. Neste sentido não basta ter a sala organizada em áreas de atividade se o educador não promover a organização das atividades livres nestas áreas com intencionalidade educativa.

No que diz respeito à caracterização do grupo, era constituído por 24 crianças de quatro anos de idade, sendo 9 raparigas e 15 rapazes, revelando uma delas problemas a nível de linguagem

(não falava), conseguindo, no entanto, ser autónoma nas tarefas e percebendo tudo o que lhe era transmitido.

Relativamente aos dados dos pais das crianças, verifiquei que eram todos portugueses e no que concerne às profissões pertenciam, maioritariamente, ao sector terciário.

De um modo geral, o grupo era bastante participativo e demonstravam interesse relativamente às atividades, estando sempre disponíveis para se entretalhar. A existência de um “chefe” diário foi também uma mais-valia, pois cada criança representava o grupo e era incumbida de algumas tarefas, tais como: ajudar na marcação das presenças no quadro, registar o tempo, dar bolachas, fazer recados e dar um bom exemplo de comportamento. Esse cargo era bastante apreciado pelas crianças, na medida em que ficavam entusiasmadas quando se aproximava a data em que iam ser chefes.

No que diz respeito ao comportamento verifiquei que não existiam regras sociais na sala de atividades, ou seja, não estavam estipuladas com as crianças as regras cívicas que todos deviam tentar cumprir. Sendo assim, as crianças tinham algumas dificuldades, aquando da partilha de brinquedos, bem como a partilha do mesmo espaço, provocando alguma agitação e desordem no decorrer do dia. Neste sentido, as crianças não pediam desculpa quando magoavam um colega, não agradeciam nem pediam se faz favor, atitudes que considero muito importantes na socialização das crianças, visto que estas regras vão estar presentes na vida futura das mesmas. No entanto, durante o meu período de estágio tentei insistir diariamente no cumprimento de regras, o que fez com que as crianças imitassem comportamentos observados. Para além disto, considero importante que o educador cumpra as regras estabelecidas na sala de atividades, para que as crianças compreendam que estas são necessárias e valorizadas pelos adultos. Eisenberg citado por Papalia, Olds e Feldman (2001), revela que é necessário que o educador seja justo em todas as suas ações e comportamentos pró-sociais uma vez que estes vão influenciar os comportamentos das crianças através da imitação.

Integração na Instituição

Quanto à minha integração na Instituição foi feita de forma gradual, sendo as primeiras duas semanas de observação, tendo contribuído para a minha integração naquele novo ambiente educativo, onde tentei ambientar-me ao grupo, às rotinas e às estratégias da educadora. Segundo o ME (1997) “Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades,

interesses e dificuldades (...) são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades” (p.25).

Em relação ao grupo, uma das estratégias que optei de início, para conseguir que as crianças mais tímidas se aproximassem de mim, foi tentar perceber o que elas mais gostavam de fazer e para que áreas gostavam de ir, tentando estar sempre mais presente junto delas sem no entanto me afastar dos outros. Ser educador é isso mesmo, procurar sempre ir ao encontro dos gostos e expectativas de cada criança em particular mas ao mesmo tempo do grupo em geral. Tal como dizem Hohmann e Weikart (2011), quando os adultos e as crianças trabalham em conjunto em qualquer ambiente de aprendizagem pela ação, apoiando-se num clima interpessoal, as crianças sentem-se motivadas a continuar as suas ideias e motivações.

Planeamento da Atividade Educativa

Ao longo do meu período de estágio sempre quis que as minhas intervenções fossem as mais eficazes e para isso, nada melhor que ter preparada uma boa planificação. Segundo o ME (1997), a planificação deve ter em conta atividades desafiadoras, que motivem a criança, de modo a que esta se sinta interessada e estimulada ao realizá-la. Inicialmente as planificações foram realizadas com alguma dificuldade, questionava-me sobre quais seriam as melhores atividades, como seriam pensados os objetivos e quais os elementos de avaliação, contudo com apoio da supervisora e colega de estágio essas dificuldades foram superadas. Tentei assim, que as atividades e objetivos propostos fossem de acordo com o interesse e capacidades da faixa etária do grupo, optando por uma planificação semanal, em que diariamente refletia e avaliava, com as crianças, sobre o que acontecia nesse dia, relembrando as atividades e percebendo o que mais gostaram e quais as dificuldades sentidas. Esse momento de reflexão era registado através do que as crianças diziam e de fotografias da prática e colocados num livro de sala (anexo 1) construído por mim, pela minha colega de estágio e pelo grupo, tendo como objetivo informar os pais e posteriormente aplicar ou alterar em planificações na minha prática.

As planificações tiveram em conta os objetivos delineados num Projeto que foi desenvolvido por mim e pela minha colega de estágio, tendo como base o Projeto Educativo da Instituição “Educar para a Vida”, onde o tema central era a preservação do meio ambiente, bem como o Projeto de Sala já existente, as crianças e alguns documentos. Em relação aos documentos, baseámo-nos no Regulamento Interno da Instituição, no livro *Qualidade e Projeto na*

Educação Pré-Escolar do ME, no documento do ME – *Trabalho por Projeto na Educação de Infância*, no livro *Abordar o ambiente na Infância* e ainda nas *Orientações Curriculares para o Pré-Escolar* do ME. Por outro lado, as conversas informais com a educadora cooperante e a assistente operacional permitiram-nos uma melhor construção deste suporte educativo.

De acordo com Ciari (1978, citado. por ME, 1998) na escolha e justificação de um projeto existem sempre inúmeras questões por parte das crianças, no entanto não se pode dar resposta a todas mas sim enveredar pela que achamos mais pertinente e necessária para o grupo. Tendo em conta a opinião deste autor, a escolha deste projeto surgiu a partir de contextos de sala, em que a primeira situação foi a visita de crianças de outra sala a incentivar a separação de tampas de embalagens e garrafas e colocá-las no que foi chamado o “Tampinhas”. Logo de seguida, nas conversas de tapete, uma criança contou um episódio que tinha observado num parque com a sua mãe, sobre pessoas que mandavam lixo para o chão, gerando-se entre todos uma partilha de ideias, acontecimentos e opiniões sobre o tema.

A segunda situação que nos despertou a atenção foi o facto de na sala só terem um “balde do lixo”, colocando aí todos os resíduos, não fazendo separação nem seleção de papel, embalagens, cartão...

Neste contexto surgiu o Projeto “Juntos Salvamos o Planeta!”, onde decidimos abordar a Educação Ambiental de uma forma ampla, tendo em conta os interesses das crianças e as diferentes áreas de conteúdo, que segundo o ME (1997) consideram-se “ Como âmbitos de saber (...) que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas de conhecimentos, mas também atitudes e saber-fazer” (p.47). Deste modo, abordámos três fases: a separação, a reutilização e a reciclagem. No domínio da separação, as crianças criaram ecopontos para a sala, pintando caixotes (anexo 2) de forma a fomentar o hábito de separação de resíduos e a distinção dos materiais. Neste âmbito o apoio dos pais foi essencial ao terem contribuído, trazendo resíduos domésticos a fim das crianças, na sala, os depositarem no respetivos ecopontos (reciclagem). No que diz respeito à reutilização, tivemos como objetivo dar a conhecer às crianças algumas formas de como um produto pode ser reutilizado em vez de o depositar nos ecopontos, criando estratégias potenciadoras do desenvolvimento da criatividade das crianças, através de conteúdos das diferentes áreas. A título de exemplo, nomeio a atividade “ construção do bowling e do atira à lata” (anexo 3), onde as crianças foram questionadas sobre o que podiam fazer (reutilização) com garrafas e latas vazias e assim despoletar a imaginação e a criatividade de cada um.

Ao planificar, tentei desenvolver atividades que despertassem a curiosidades das crianças, promovendo a aprendizagem individual, em grupos ou em grande grupo, de modo a experienciar todos estes modos de trabalhar, promovendo a cooperação e o trabalho em equipa.

Situações Pedagógicas-Didáticas

No que diz respeito às minhas competências, consegui despertar o interesse e a curiosidade das crianças nas atividades que desenvolvi, tendo através do Projeto “Juntos Salvamos o Planeta”, oportunidade de trabalhar todos as áreas de conteúdo: Formação Pessoal e Social, Expressão/ Comunicação (plástica, dramática, musical e motora), Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (matemática) e Área do Conhecimento do Mundo (anexo 4).

Nas semanas em que intervim, quase sempre iniciava o dia (após o acolhimento) com questões ou imagens, de forma a incentivar as crianças, despertando – lhes o interesse e pô-las a pensar sobre determinado assunto/tema. Questões como: - “O que veem nesta imagem?”; – “Porque é que acham que o lixo está no chão?”; “ Porque é que não devemos deitar lixo para o chão?”; “Para que serve uma receita culinária?”, entre outras. Todas estas questões, algumas de resposta aberta e outras de resposta fechada foram feitas individualmente e em grupo e tiveram em especial atenção o conhecimento que as crianças tinham sobre o meio que as rodeava, fomentando assim um diálogo entre adulto/ criança e entre crianças. Tal como refere Hohmann e Weikart (2011), as crianças e adultos são ativos e interativos, isto é, comunicam entre si, apoiando as suas interações nas ideias e sugestões.

Como o projeto estava muito interligado com o Conhecimento do Mundo, tivemos como objetivo consciencializar e sensibilizar as crianças para os problemas ambientais e também prepará-las para serem cidadãos ativos e intervenientes no seu meio. Uma das atividades propostas ao longo do estágio foi a colocação semanal dos resíduos nos ecopontos exteriores (anexo 5), alguns provenientes da sala e outros trazidos diariamente pelos pais. À medida que iam trazendo os resíduos, eram feitas perguntas individuais, não diretamente à correspondência entre os resíduos e os ecopontos, mas também questioná-los acerca do resíduo -“O que é?”, “Para que serve?”, “Podes tocar”, “De que material é feito?” e por último a tal correspondência.

Apesar de a maioria das aprendizagens se desenvolverem dentro de uma sala de atividades, os contextos de aprendizagem devem ser os mais diversificados possíveis e por isso decidimos

levá-las ao exterior para que estas tenham liberdade de observar, explorar à sua vontade, pois ao proporcionar diferentes contextos de aprendizagens, estas ficam mais facilmente interiorizadas. A percepção do mundo e aquilo que nos rodeia deve ser explorada com as crianças através dos sentidos, sendo desta forma que têm a percepção do que existe, construindo assim através da exploração a construção do real. Segundo o ME (1997) o Pré-escolar deve familiarizar as crianças num contexto culturalmente rico e estimulante para que a criança esteja sempre curiosa em aprender mais e mais.

O ginásio foi também outro local, onde decorreu a minha prática, não só para fazer expressão motora, como também o local de divulgação do projeto. O grupo preparou uma peça de teatro “Juntos Aprendemos a Reciclar” (anexo 6) para apresentar às crianças das outras salas, de modo a partilhar as suas aprendizagens. O teatro é uma atividade bastante completa e criativa, que para ser bem sucedida implica a participação de todos, não só no dia da sua apresentação como também nos ensaios. E essa participação foi notória desde a construção dos fatos, onde colocámos várias materiais aos dispor das crianças e depois decidido como eram feitos; também o cenário foi imaginado por todos e pintado por algumas crianças. Durante a construção dos fatos, as meninas que iam representar personagens femininas adultas quiseram usar vestidos e sapatos de salto alto, porque queriam “fazer de conta” que era adultas a sério. Segundo o ME (1997) fazer de conta “ Permite à criança recriar experiências da vida quotidiana, situações imaginárias e utilizar objetos livremente, atribuindo-lhes significados múltiplos” (p.60).

Considero que o trabalho de projeto é uma forma de trabalho enriquecedora, tanto para as crianças como para toda a comunidade escolar, pois tudo o que aprendemos é fruto de um trabalho conjunto, onde todos contribuem para uma causa comum, num determinado período de tempo, pode ser partilhado e divulgado e permite a interligação de todas as áreas de saber, proporcionando competências criativas e educativas.

Para nos orientarmos e darmos a conhecer melhor o nosso projeto, baseámo-nos no autor Hernández (2000) e na sua tabela orientadora do trabalho do educador na realização de um projeto. A tabela (anexo 7) foi preenchida por nós estagiárias e faz referência aos vários aspetos e critérios que nos ajudaram na estrutura de apoio à planificação, sendo eles: o tema; as ideias-chave; o que as crianças devem aprender; as estratégias que podem ser desenvolvidas; como começar; os recursos; as conexões com outras matérias e saberes; as

atividades para todo o grupo; as atividades em grupo; as atividades individuais; a apresentação final e a avaliação.

Avaliação

A avaliação é importante para perceber se as aprendizagens foram adquiridas pelas crianças. De acordo com Abrantes (2002) “A avaliação é um elemento integrante e regulador das práticas educativas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas” (p.9). Ao avaliar, consegui perceber as aprendizagens adquiridas e dificuldades sentidas e também refletir sobre a pertinência de mudar ou não as minhas práticas.

Contexto de Estágio e Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

Segundo o Decreto-lei 139/ 2012, de 5 de julho, o Ensino Básico assegura “ Uma formação geral comum a todos os portugueses, proporcionando a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos.” (Decreto-lei 139/ 2012, p.3478)

Caraterização do Contexto Institucional

A minha Prática Pedagógica em Ensino Básico do 1º Ciclo decorreu no 2º semestre, entre março e maio de 2014 numa Escola Básica de 1º Ciclo e Jardim de Infância (EB1/JI). A escola situa-se num bairro periférico da cidade de Santarém, é uma escola recente e nela funcionam quatro grupos de Educação Pré-Escolar e oito turmas do 1º Ciclo do Ensino Básico.

É um edifício que tem um espaço interior amplo, luminoso e arejado, sendo constituído por rés do chão e primeiro andar e um espaço exterior. O rés do chão dispõe de: receção, refeitório, cozinha, posto médico, gabinetes (terapeuta, psicóloga, ocupacional, apoio aos pais), ginásio, sala de multideficiência, sala de professores, sala de auxiliares, quatro salas de Jardim de Infância, quatro salas de 1º ciclo e casas de banho. O 1º andar tem quatro salas do 1.º Ciclo, quatro casas de banho, biblioteca e sala de informática (TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação). Refletindo sobre o referido espaço, posso dizer que estava bem organizado, era espaçoso, as salas de aula eram adequadas, isto é, grandes, luminosas (muita luz natural), equipadas com material informático (quadro interativo e computador com acesso à internet), secretárias, cadeiras, dois armários com bastante arrumação para todos os materiais didáticos/pedagógicos. Existe ainda um espaço comum a cada duas salas, com

bancadas, lavatório e uma arrecadação, para a realização de atividades práticas. O espaço exterior é constituído por uma zona com telheiro, um campo de futebol, uma horta e dois parques infantis, onde as crianças do Pré-escolar usufruíam duma zona só para elas com relva e um parque infantil e as crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico brincavam no restante espaço. Ainda em relação ao exterior, convém referir que quando chove não existe um grande espaço coberto para brincar, pelo que as crianças ficam todas juntas no hall e corredores que são amplos mas com péssimas condições acústicas.

Relativamente à turma, era constituída por 25 alunos do 2º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os sete e os oito anos; destes 25 alunos, 10 são do sexo feminino e 15 são do sexo masculino. Na turma existiam dois alunos com NEE de carácter permanente que estavam abrangidos pelo Decreto-Lei nº 3 de 2008, de 7 de janeiro com as medidas a) Apoio Pedagógico Personalizado e d) Condições Especiais de Avaliação. Um dos alunos apresentava características que se enquadravam numa Perturbação do Espetro do Autismo, apontando para um quadro de Síndrome de Asperge e era apoiado na sala de aula por uma professora de Educação Especial, duas vezes por semana, estando muito bem integrado na turma. Um outro aluno revelava uma Perturbação Específica da Leitura e da Escrita (Dislexia/Disortografia), bem como alterações comportamentais, desatenção, excesso de atividade motora e impulsividade, confirmando um quadro de Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção. Eram notórias as suas dificuldades ao nível da escrita e dificuldades de interpretação e inferência. Existiam também dois alunos de etnia cigana com apoio educativo duas vezes por semana, pois estes apresentavam grandes dificuldades nas várias áreas. A turma era de um modo geral calma, com uma boa noção do que eram as regras da sala e como respeitá-las. Os alunos revelavam interesse em participar nas atividades (realizavam os exercícios propostos, faziam as leituras diárias, discutiam questões,...) e eram autónomos no seu dia a dia, sendo capazes de agir sozinhos (ao entrarem na sala iam buscar o dossier, quando precisavam de material escolar dirigiam-se à mesa da professora e/ou ao móvel onde estavam as suas caixas de material e tiravam o que necessitavam) e, além disso, também desenvolviam as suas tarefas individualmente. Segundo Sá (2001) “Ser autónomo é ser capaz de agir, é ser independente, é saber respeitar o semelhante, é saber assumir responsabilidades, é, em suma, saber ser e saber viver com os outros” (p.16). Concordando com Sá, o professor deve deixar que os alunos tomem as suas decisões e assumam as suas responsabilidades, ensinando como fazer e manter-se na retaguarda, deixando-os explorar, cometer erros e aprender com os mesmos, pois, desta forma, está a contribuir para o desenvolvimento da autonomia.

Os pais/encarregados de educação dos alunos eram, na maioria, interessados e participavam ativamente na vida escolar dos seus filhos. É de salientar que a maioria dos pais esteve sempre presente nas reuniões de avaliação de final de período, foram com regularidade ao atendimento mensal, enviaram *emails*, comunicaram através da caderneta do aluno e por telefone sempre que necessitavam de informações sobre o comportamento e aproveitamento escolar dos seus educandos. (Esta informação foi-me facultada pela professora). No que se refere à situação profissional, a maior parte dos pais estava no quadro superior de empresas e as mães estavam no quadro do pessoal administrativo e similares, tendo a maioria níveis superiores de escolaridade.

Integração na Instituição

A minha integração na comunidade escolar foi feita de uma forma gradual e positiva. No início, senti-me um pouco apreensiva, devido ao facto de não conhecer a turma, não conhecer o seu ritmo de trabalho e não estar familiarizada com os conteúdos já lecionados. À medida que o tempo foi passando, percebi que os meus “ receios ” foram sendo ultrapassados, porque os alunos mostraram-se muito recetivos, acolhedores e meigos. Considero que a minha relação com os alunos foi uma relação bastante empática. Ao longo de todo este percurso de estágio, os alunos foram sempre muito simpáticos, interagiam comigo, respeitando-me.

Em relação à professora cooperante, desde o princípio que mostrou ser uma pessoa muito afetuosa, exigente, trabalhadora e competente. Recebeu-nos muito bem, apresentou-nos à turma e contextualizou-nos sobre as principais características da turma. No decorrer do estágio foi muito acessível, respondendo sempre às dúvidas e questões apresentadas. Antes das intervenções questionava a professora sobre algumas estratégias usadas pela mesma, sobre os conteúdos dados e sobre os alunos.

Ao longo da prática continuei a questionar a professora cooperante sobre práticas a realizar em sala de aula, deu sempre feedback oralmente às planificações que elaborei, deu-me liberdade para colocar em prática as minhas ideias/estratégias, disponibilizou sempre materiais para utilizar em sala de aula (cartolinas, folhas de papel, colas, tesouras, etc.) e proporcionou-me o acesso a todos os recursos que existiam na escola, nomeadamente quando lhe solicitei a sala TIC para realizar trabalhos com os alunos.

Com a restante comunidade escolar (professores, educadoras, assistentes operacionais e coordenadora) integrei-me facilmente na medida em que fui bem recebida. Este contacto deveu-se ao facto de nos reunirmos na sala de professores nos intervalos e, deste modo

participarmos em conversas referentes ao dia a dia de um professor/ educador. Nessas conversas havia partilha de ideias, de materiais e de estratégias usadas para um melhor ensino/aprendizagem.

Na minha opinião considero que um ambiente destes é uma mais-valia para um bom funcionamento da comunidade escolar.

Planeamento da Atividade Educativa

No que se refere à minha prática neste contexto tentei sempre que fosse ao encontro das linhas orientadoras do Projeto de Turma (PT).

Durante o meu período de estágio, a articulação foi evidente, na medida em que sempre tentei ter em consideração os objetivos referidos no P.T. Em relação às planificações tive sempre o cuidado de ir ao encontro das necessidades dos alunos, respeitando sempre o seu ritmo de trabalho e o seu nível de aprendizagem; para isso, promovi o trabalho de interajuda entre eles, trabalhos a pares e em pequenos grupos, diversifiquei atividades e recursos, privilegiando sempre todas as áreas curriculares disciplinares e as áreas curriculares não disciplinares, no sentido de contribuírem para uma eficaz construção de aprendizagens.

Através das minhas pesquisas, pude constatar que não existe nenhum modelo de planificação melhor ou pior do que outro, sendo este um processo de carácter individual e útil para quem o planifica. Planificar é uma competência fundamental que cabe ao professor, é preciso para isso que ele tenha conhecimentos relativos do saber disciplinar, didático e pedagógico. A planificação deverá ser uma previsão do que se pretende fazer, tendo em conta os programas, as metas curriculares, o material de apoio e o contributo dos alunos.

Inicialmente, uma das minhas preocupações e dificuldades foi planificar atividades que motivassem os alunos e que os levassem a aprender mais facilmente; outra das dificuldades foi a gestão do tempo, porque planificava em excesso, não conseguia cumprir tudo o que tinha planificado, no entanto, estas dificuldades não prejudicaram os alunos nas suas aprendizagens. Durante o estágio percebi que as planificações eram flexíveis, ou seja, nem sempre conseguia fazer tudo o que planificava porque em determinados momentos surgiam questões postas pelos alunos e o ritmo de trabalho divergia de aluno para aluno. Mas, o mais importante foi esclarecer todas as dúvidas e os alunos terem ficado com as aprendizagens adquiridas.

Situações Pedagógico Didáticas

Relativamente às minhas competências, considero importante referir que tive sempre em atenção a aprendizagem dos alunos e, por isso, tentei sempre motivá-los para todas as atividades realizadas. Sempre que iniciava um novo dia de aulas questionava-os sobre as aprendizagens adquiridas no dia anterior, umas vezes para fazer uma ligação entre os conteúdos e outras para perceber se havia dúvidas.

Quando os alunos terminavam uma atividade, tentava sempre que fossem ao quadro (não indo sempre o mesmo), ou que apresentassem oralmente a sua sugestão. Após a resposta, perguntava à turma: “Quem concorda? Quem não concorda?” Se algum aluno não tivesse chegado ao mesmo resultado ou tivesse uma resposta diferente (exemplo: interpretação de textos, resolução de situações problemáticas) discutíamos em grande grupo outras estratégias de resolução.

Tive sempre como objetivo conversar com os alunos durante o desenvolvimento das atividades e do seu desempenho na realização das mesmas. Como refere Hohmann e Weikart (2011), “Um feedback honesto a comportamentos específicos ajuda as crianças a crescer e leva a mais mudanças do que um comentário do tipo “bom trabalho” (p.85).

No que diz respeito às atividades que promovi em sala de aula, tentei planificá-las de modo a que houvesse uma diversidade de tarefas e não fosse usado exclusivamente o manual, mas outro tipo de recursos interessantes para a aprendizagem dos alunos, nunca esquecendo os documentos orientadores (Metas Curriculares e Programas).

Nas minhas semanas de intervenção, planifiquei, por exemplo:

- **Leituras de histórias** – além dos livros do Plano Nacional de Leitura, eram feitas leituras de textos diversos, uma vez que a competência da leitura está presente em todas as atividades diárias. Como nos diz Contente (1995), “De todas as atividades cognitivas complexas, a leitura, é sem dúvida, aquela que participa na maior parte das situações” (p.11). Assim, é incontestável que saber ler está diretamente ligado ao sucesso de cada um, quer na vida escolar, quer na vida profissional (Sim-Sim, 2007).

- **Produções textuais (aviso, notícia, carta e narrativas)** - Para a produção de texto, os alunos já tinham conhecimento da planificação a seguir, no entanto, como é um conteúdo complexo, de cada vez que eles tinham que fazer uma produção escrita era-lhes lembrada, no quadro, a sua estrutura e só depois é que cada um a desenvolvia individualmente. De todas

as produções textuais, uma das que motivou mais os alunos foi a carta (anexo 8). Esta atividade começou a ser desenvolvida, após a interrupção letiva da Páscoa, em que cada aluno escrevia uma carta a contar as suas férias, a um colega escolhido aleatoriamente e de seguida fazia o próprio envelope. As cartas escritas pelos alunos foram colocadas num marco do correio, trazido por nós (estagiárias) e todas as quartas e sextas-feiras, a estagiária que não estava a intervir, disfarçava-se de carteira e distribuía as cartas. Esta atividade prolongou-se ao longo de todo o estágio, porque os alunos ficaram tão entusiasmados que pediram se podiam continuar com a escrita de cartas. Com a produção escrita, pretendia-se não só a realização de atividades reguladas por modelos, como também a escrita pessoal e criativa.

Mercado na sala de aula (anexo 9) – Nesta atividade, a disposição da sala foi alterada para quatro “bancas” e em cada uma delas foram colocados três alunos (vendedores) e os restantes alunos eram os compradores. Ao planificar esta atividade, tive como objetivo o manuseamento do dinheiro no processo de compra e venda (quantias, trocos, faturas) e também os princípios de cortesia (bom dia, boa tarde, o que deseja, obrigada,...). Todos os alunos se mostraram muito interessados e empenhados uma vez que tinham o seu próprio dinheiro e eram eles os “atores principais”, criando situações de compra e venda.

Jogos de orientação espacial – Inicialmente, em sala de aula foram projetadas setas no quadro interativo, para os alunos identificarem as suas direções: volta inteira, meia volta, quarto de volta, virar à direita e virar à esquerda. De seguida dirigimo-nos para o exterior, pois este possibilita algumas atividades, que nem sempre são cómodas em sala de aula. Em grande grupo, foram feitos alguns exercícios sobre os diversos conceitos. Posteriormente a turma dividiu-se em 3 grupos, cada aluno do grupo seguiu as instruções dadas pelo seu colega, através de cartões identificados com setas. O grupo não teve muitas dificuldades e mostrou-se bastante interessado e motivado, pedindo mais atividades.

- **Ensino Experimental das Ciências (Construção de uma bússola** (anexo 10), **“o ar existe”, “o ar tem peso”** (anexo 11), **sementeira da salsa, sombra)** – As atividades experimentais tiveram como ponto de partida as concepções prévias dos alunos em relação aos conteúdos abordados na Área Curricular de Estudo do Meio. Cachapuz (1995, citado por Martins *et al.* 2006) refere que se designam por concepções alternativas “As ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização” (pp. 28-29). De

acordo com Martins *et al.* (2006) é essencial reconhecer as concepções alternativas dos alunos ao desenvolver atividades que permitam reestruturá-las de acordo com uma visão científica. Para Reis (2008), o professor deve incentivar os alunos “A comunicar as suas ideias, a justificá-las, a argumentá-las, a prever e a testar as suas ideias, para que as suas concepções sejam um elemento facilitador das suas aprendizagens” (p.15). Deste modo, a cada experiência realizada, a turma era dividida em grupos de cinco alunos e estruturado um guião com questões que permitiam que os alunos dessem a sua opinião. Ao realizar as experiências atrás mencionadas, pretendi desenvolver nos alunos capacidades críticas e de análise para interpretação de dados obtidos, assim como o conhecimento de materiais e objetos e os vários procedimentos experimentais.

-“O Voo da Gaivota” (Expressão Dramática / Musical e Motora) (anexo 12) – Esta atividade foi dividida em quatro momentos. Nos dois primeiros momentos os alunos movimentaram-se de forma livre e pessoal, sozinhos ou a pares e exploraram o espaço circundante de forma a libertarem-se mais e a integrarem-se na atividade sendo criativos nos seus movimentos. Segundo Aguiar (2001), o objetivo da Expressão Dramática “ (...) não é o êxito artístico, mas o desenvolvimento da pessoa (...)” (p.19) ou seja, pretendi oferecer aos alunos uma oportunidade para exprimir as suas sensibilidades, através da improvisação de situações sobre o tema proposto. No terceiro momento, introduzi a música para que os alunos a escutassem com atenção, cantassem todos juntos e imaginassem os seus próprios movimentos. Depois as raparigas sentaram-se em roda para cantar, os rapazes dançaram e vice-versa.

Para finalizar a atividade, partilho da ideia do autor Paulo Freire (2010), quando diz que é “(...) pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (p.39) e também a de Perrenoud (2002), quando refere que a principal função da reflexão é “(...) ajudar a fazer um balanço, a compreender o que deu ou não certo e preparar o profissional caso a ação se repita” (p.36). E foi durante a reflexão conjunta que partilhámos alguns sentimentos e emoções e percebi que os alunos se sentiram bem, felizes por estarem ali, dizendo mesmo “ senti-me livre”, “gostei muito de fazer os gestos” e até mesmo o que sentiram ao som daquela canção, “ triste e livre.”

O **Jogo Exploratório** foi também uma atividade de Expressão Dramática que interliguei com a Unidade Curricular de Português, tendo este jogo quatro fases: a primeira constou num pedido a cada aluno de uma palavra com a primeira letra do abecedário, como por exemplo: aluno 1- uma palavra com a letra A, aluno 2 – letra B; a segunda foi pedir aos alunos que

dissessem frases seguindo o procedimento anterior; a terceira que representassem em grupo diversos “papéis”, como por exemplo “Um dia de calor/ às compras no supermercado” e por último uma reflexão da atividade. Nesta reflexão, os alunos foram dispostos em círculo e refleti com eles, colocando-lhes algumas questões que considerei mais pertinentes: “ De que gostaram mais/menos?”, “ O que sentiram?”, “ O que poderíamos alterar e/ou acrescentar?” com intuito de ir ao encontro das suas necessidades e reajustar as minhas práticas pedagógicas.

Em todas estas atividades usei como estratégias, trabalho individual, a pares e também em grandes grupos. No trabalho individual (realização de fichas, produção de texto, compreensão de texto), pretendi “avaliar” os conhecimentos dos alunos; no trabalho a pares, (manuseamento de materiais didáticos, resolução de problemas), tive como objetivo a interação do par nas atividades pedidas e por fim, com o trabalho em grandes grupos (jogos, experiências), pretendia analisar a interajuda e relacionamento entre os elementos do grupo.

Avaliação

A avaliação foi também outro ponto em que senti dificuldades, porque tinha receio de não fazer uma avaliação justa, contudo considero importante avaliar. Quanto às avaliações das aprendizagens, recorri à observação direta, a tabela de registos, a fichas de trabalho, à participação oral e ao empenho, entre outros critérios. De acordo com Abrantes (2002) “ a avaliação é um elemento integrante e regulador das práticas educativas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas” (p.9).

Ao avaliar certifiquei-me que os alunos estavam a interiorizar os conteúdos transmitidos e também refleti sobre a pertinência de mudar ou não as minhas estratégias de ensino.

Assim, é importante ter em conta que “A função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objetivos atingidos e aqueles onde se levantam dificuldades” (Ribeiro & Ribeiro, 1990, p.337).

Contexto de Estágio e Prática Supervisionada em Educação de Infância

Creche

A Creche segundo o Ministério da Solidariedade e da Segurança Social (2011) “É um equipamento de natureza socioeducativa, vocacionado para o apoio à família e à criança, destinado a acolher crianças até aos 3 anos de idade, durante o período correspondente dos pais ou de quem exerça as responsabilidades parentais” (p.4338).

Caraterização do Contexto Institucional

A Instituição de Creche onde estagiei no 3º semestre, entre outubro de 2014 a janeiro de 2015 realizou-se numa IPSS, que presta à comunidade serviços vocacionados para o apoio a crianças e idosos, dispondo das seguintes valências: Creche, Jardim de Infância, Centro de Dia e Apoio ao Domicílio.

A Instituição encontra-se localizada na periferia de Santarém, localizada num edifício de três pisos, onde no rés do chão está instalada a sala polivalente e a sala heterogénea de um e dois anos, a lavandaria e uma despensa; no primeiro andar encontra-se o centro de dia, o local de preparação para o apoio domiciliário, o refeitório do Pré-escolar, o refeitório dos idosos/pessoal, uma sala de convívio, a cozinha, o gabinete da assistente social e casas de banhos; no segundo andar existe a sala de Pré-escolar.

A sala heterogénea de um e dois anos, onde se desenvolveu a maior parte do meu estágio era acolhedora, contudo tinha as duas janelas existentes situavam-se junto ao teto, não tínhamos visibilidade para o exterior, tornando-a assim numa sala escura, onde se recorria à luz artificial todo o dia. Tinha aquecimento central e uma casa de banho com sanitas, lavatórios, espelho e uma bancada de muda fraldas, assim como cacifos de madeira individuais para todas as crianças. Em relação à organização da sala, encontrava-se dividida em algumas áreas definidas como: a casinha, o tapete/ biblioteca, jogos de mesa, jogos de chão e brinquedos diversos. As áreas de interesse eram utilizadas segundo regras definidas para o seu funcionamento, para não haver discrepâncias em relação ao número de crianças por área. As crianças eram solicitadas a escolherem a área que queriam explorar e após alguma permanência eram incentivadas a trocar de área. Assim, foi uma forma de as crianças tomarem consciência de algumas regras e se desenvolverem ao nível da área de formação pessoal e social.

Quanto à sala polivalente, era uma sala de creche, mas devido à falta de crianças naquele ano, teve como utilização: tanto o acolhimento como a sesta, a celebração de festas, reuniões de pais e também era habitual as crianças brincarem livremente com os materiais existentes. Era uma sala de grandes dimensões, estava bem organizada e continha diversos materiais didáticos indicados para a idade: casinha, espelhos, piscina de bolas, tapetes com almofadas, jogos, triciclos e escorrega. Para além dos materiais didáticos, a sala tinha uma bancada de muda de fraldas, cubos individuais de madeira e uma casa de banho. Pude também observar que a sala apesar de conter bastantes janelas, não tinha grande luminosidade natural, devido ao local onde estava situada. Em relação ao espaço exterior, não apresentava grandes condições e encontrava-se fechado.

Relativamente ao grupo de crianças, era constituído por dez crianças, com idades compreendidas entre um e dois anos. Destas dez crianças seis eram crianças de um e dois anos e quatro de dois e três anos, sendo que seis são do sexo feminino e quatro são do sexo masculino. O grupo de crianças era bastante ativo, participativo e motivado para as atividades livres e orientadas. Este grupo gostava de ouvir histórias, de ouvir e cantar canções e interagir com os adultos. Nos momentos de exploração livre gostavam de brincar na casinha, onde estava presente o jogo simbólico que surgia naturalmente, transpondo o mundo que viam para o seu próprio mundo, facto que observei quando via crianças a inclinar o bule para um copo, como se fosse a “ fazer um chá”. Fazer construções com legos, foi também uma atividade livre de grande interesse para o grupo, onde eu enquanto estagiária orientava a construção e criação de diversos elementos.

Relativamente aos dados dos pais das crianças, verifiquei que eram todos portugueses e no que concerne às profissões que estes exercem, averigui que pertencem maioritariamente ao sector terciário. Quanto à participação dos pais/encarregados de educação, verifiquei que a comunicação foi feita através de uma primeira reunião, onde todos os pais foram convidados pela educadora a conhecer o projeto da sala, o plano de atividades, a rotina diária e também através de conversas diárias informais. Esta comunicação era diariamente realizada no acolhimento, onde os pais davam informações sobre a criança (como passou a noite, alguma novidade, o bem-estar...) e no prolongamento, onde a educadora, assistente operacional ou a estagiária informavam os pais sobre o desenrolar do dia. Na minha opinião, cabe aos pais o direito de educar os filhos, por isso é de grande interesse que a família intervenha e participe na educação escolar dos seus filhos. Como refere Marques (1994) “Uma colaboração

escola/família, incluindo as noções de parceria de responsabilidades e de participação, assentes na ideia de que o sucesso educativo de todos só é possível com a colaboração de todos” (p.5).

Apesar de por vezes existir dificuldades ou receios no entendimento entre a escola e a família, considero importante que a ambas se devam aproximar uma da outra e que em conjunto exerçam as duas funções complementares, para o bem da criança.

Como estratégia para essa aproximação, eu e o meu par de estágio expusemos diariamente num quadro de acesso aos pais, fotografias das experiências diárias (anexo 13) dos seus filhos de forma que estes percebessem como era o dia a dia na sala.

Integração na Instituição

A minha integração foi fácil, a relação com as responsáveis de sala e outros profissionais foi saudável uma vez que estabeleci um bom relacionamento com todos.

Não posso deixar de referir o bom funcionamento que tive oportunidade de observar e o clima familiar em que todos cooperavam entre si. Segundo Hohmann e Weikart (2011) o trabalho de equipa entre adultos só trás benefícios tanto para os adultos que veem o seu trabalho bem-sucedido ao nível da partilha de ideias e suporte, como para as crianças sentindo-se confiantes e apoiadas. Este bom funcionamento foi o ponto de partida para quem lá trabalhou, para quem foi recebido (estagiárias), para os pais/encarregados de educação e principalmente para as crianças, dando-lhes um clima de segurança e conforto.

Esse clima positivo, também teve presente na minha relação com as crianças, conseguindo estabelecer sempre um clima de afetividade com todas elas, transmitindo-lhe segurança e o conforto necessário ao seu bem-estar. Esta segurança permitiu-me envolver com o grupo nas rotinas diárias e nas atividades, despertando-lhes assim curiosidade para as aprendizagens.

Planeamento da Atividade Educativa

Ao longo do meu percurso de estágio pretendi que todo ele fosse marcado de forma positiva, por isso ao planificar tive como ponto de partida os objetivos gerais da creche, tendo em conta as necessidades das crianças, as suas etapas de desenvolvimento, o meio envolvente e a sala da creche. As planificações foram estruturadas por áreas de desenvolvimento, objetivos (gerais e específicos), atividades/estratégias, recursos e a avaliação.

Ao planificar, também tive em conta o Projeto que eu e a minha colega de estágio desenvolvemos, tendo o tema surgido a partir da observação de sala, nomeadamente dos interesses das crianças e em conversas informais com a educadora cooperante. A primeira situação surgiu em contexto de sala, através da observação da rotina diária, quando percebemos que as crianças identificavam todos os momentos através de canções alusivas ao momento seguinte. Por isso, considerámos que a música era entendida como estratégia organizativa do ambiente educativo (tempo/ rotina diária). Desde logo foi perceptível que a música fomentava o envolvimento das crianças no seu dia a dia, tranquilizando-as e proporcionando-lhes bem-estar. A segunda situação foi detetada nas primeiras intervenções da minha colega, quando em conjunto com as crianças, construíram maracas com garrafas de água e castanhas. Após a exploração das mesmas foi notório o interesse quanto à manipulação do instrumento musical e do som produzido. Sendo assim, decidimos construir uma área na sala alusiva à música com o objetivo de envolver as crianças com os instrumentos musicais e os sons por eles emitidos.

O título escolhido para o nosso projeto foi “O Cantinho dos Sons”, uma área que teve como finalidade o alargamento da Expressão Musical e Motora. Nesta área foram colocados instrumentos musicais construídos pelas estagiárias, decorados com desenhos feitos pelas crianças e por fim, colocados num pano com várias divisórias pintadas pelas crianças (anexo 14). Esta área teve como objetivo: despertar a curiosidade das crianças no decorrer da história/canção; abordar o conhecimento do som e do silêncio; explorar o corpo; descobrir e manusear corretamente os instrumentos musicais; escutar diversos sons; partilhar os instrumentos com os colegas; associar imagens dos instrumentos aos próprios e arrumar os instrumentos. Com este projeto abrangemos todas as áreas de desenvolvimento (área do domínio cognitivo, área da formação pessoal e social, área do desenvolvimento motor e área do pensamento criativo) (anexo 15).

Tal como foi referido no Pré-escolar, também neste contexto baseámo-nos no autor Hernández (2000) e na tabela (anexo 16) orientadora do trabalho do educador na realização de um projeto. A tabela foi preenchida por nós estagiárias e faz referência aos vários aspetos e critérios que nos ajudaram na estrutura de apoio à planificação.

Situações Pedagógico-Didáticas

Em relação às questões pedagógicas - didáticas planejei atividades de modo a que houvesse diversidade de recursos que fossem o mais apelativos possível e que proporcionassem aprendizagens. Foram diversas as atividades realizadas com o grupo, desde as incluídas na rotina diária às relacionadas com a época festiva em questão. Considero importante referir que tive sempre em atenção a faixa etária, os interesses, as brincadeiras das crianças e, por isso, tentei sempre motivá-las para todas as atividades realizadas.

Nessas semanas de intervenção planejei, por exemplo:

Conto de histórias – Em todas as histórias foram utilizados diversos recursos (anexo 17), como por exemplo placards, folhas A3, fantoches, livros e material de desperdício, de forma a torná-las mais dinâmicas e também tive como preocupação as diferentes entoações dadas (vozes, rimas, canções) de modo a cativar e envolver as crianças no conto. Segundo Cury (2003) “Para contar histórias é necessário exercitar uma voz flutuante, teatralizada, que muda de tom durante a exposição. É necessário produzir gestos e reações capazes de expressar o que as informações lógicas não conseguem” (pp.131-132) e ainda acrescenta um conselho a cada educador: “Abra um sorriso, abraça os jovens, conte-lhes histórias”. De acordo com este autor tentei ser bastante expressiva e ter uma boa projeção de voz.

Canções – Algumas canções já eram praticadas em momentos da rotina diária pela educadora e posteriormente dei continuação e acrescentei outras nos vários momentos do dia, tais como: quando as crianças se sentavam no tapete (um, dois, três as perninhas à chinês, quem não está sentado...), quando começavam a arrumar (Está na hora de arrumar...) e também quando ia contar uma história (Com pezinhos de veludo, nesta sala vou entrar, é a hora da história, vamos todos escutar...). Estas canções acalmavam as crianças e transmitiam-lhes segurança, uma vez que elas sabiam qual o momento que se seguia, estando mais atentas e mais concentradas. Além destas, tive a oportunidade de cantar e ensinar outras canções sobre diversos temas apresentados: animais, Natal, Reis, inverno, entre outras. Para Hohmann e Weikart (2009), “A aprendizagem de novas canções (...) permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e de tempo” (p.373). E foi o que pude observar nestes momentos, a maioria das crianças de um e dois anos tentou acompanhar as canções através de sons e gestos (palmas, movimentos

corporais, entre outros) e as restantes crianças, nomeadamente as de dois e três anos tentavam reproduzi-las não só com gestos, como também através de palavras e frases.

Assim considero que o ensino das canções foi muito motivador para a aprendizagem de conceitos, para a exploração do movimento, sendo necessário repeti-las de forma mais lenta e acompanhadas de gestos para que todas as crianças pudessem cantá-las e mimá-las, nunca deixando de incluir nenhuma, estimulando sempre as suas participações. À medida que ensinava uma nova canção, colocava na parede uma cartolina com a letra e as respetivas imagens. Hohmann e Post (2011), também referem que “Algumas crianças poderão utilizar, assim, as cartolinas ou os cartões para indicarem a sua escolha de canção ou rima para cantar ou trautear” (p.289). Perante a afirmação dos autores, também no meu estágio algumas crianças por vezes escolhiam as músicas que queriam ouvir, apontando para a folha ou fazendo gesto com a cabeça a afirmar ou negar a música que lhes solicitava.

A construção do pinheiro de Natal foi outra atividade que considerei pertinente realizar com as crianças porque pretendia que elas participassem em toda a montagem e respetiva decoração. Durante a manhã, todas as crianças tiveram contacto com todos os enfeites de Natal (anexo 18) (trazidos de casa), mexeram, sentiram (com as mãos e o corpo), cheiraram e exploraram. Nesse mesmo dia, durante a tarde, todas as crianças sentaram-se no tapete, conversámos sobre as tradições da época e de seguida como fator surpresa retirei de uma caixa um pinheiro artificial desmontado. Com a ajuda de algumas crianças, montámo-lo e depois cada uma delas colocou o seu enfeite (anexo 19), transformando o pinheiro em árvore de Natal. Por fim cantámos e dançamos músicas de Natal à volta e redor da árvore. Na minha opinião e pelo que pude observar, esta atividade foi bastante produtiva, todas as crianças tiveram interesse na exploração dos enfeites reais de Natal e na colocação dos respetivos na árvore. Concluí que a ideia de levar um pinheiro artificial para a sala e pedir aos pais a contribuição de material foi uma mais-valia para as crianças, uma vez que algumas nunca tinham tido contacto com esses materiais, pois em conversa com alguns pais, eles afirmavam que faziam a árvore de Natal sem a presença dos filhos, na qual eles só a viam montada.

Na atividade “**Vamos vestir o Pedro**” utilizei como recurso um manequim (Pedro) do tamanho das crianças, desenhado e recortado em cartão. Coloquei o manequim perante o grupo e ao apontar para as diferentes partes do corpo, pedia às crianças de dois e três anos que a identificassem, em relação às crianças de um e dois anos, questionava-as sobre o local de determinada parte do corpo e tentava que reproduzissem o nome. De seguida perguntei ao

grupo “Açam que o Pedro tem frio?” Caso a resposta fosse afirmativa, questionava-os porquê. Após as respostas foram retiradas (peça a peça) de uma caixa, roupas de inverno para que as crianças o agasalhassem. Ao retirar por exemplo, um gorro coloquei-o na cabeça de uma criança e questionei-a sobre o nome do acessório de inverno, caso não soubesse responder, eu dizia o nome e perguntava para que serve e onde era usado, apoiando as crianças nas suas respostas com palavras ou gestos. Após falarem sobre o respetivo acessório ou peça de roupa, solicitava a uma criança para colocá-la no sítio correto do corpo do Pedro (anexo 20), para que ele não tivesse frio. E assim sucessivamente com outros acessórios, peças de roupa e outras crianças.

A utilização de objetos reais de uso diário, foram uma mais-valia nesta faixa etária para conseguir alcançar os meus objetivos. Dei oportunidade às crianças de mexerem nas roupas e até as usarem (anexo 21), estratégia que as motivou ao realizarem a atividade. Este novo “amigo” (anexo 22) irá permanecer com o grupo em algumas atividades e ser usado noutras estações do ano.

As atividades referidas anteriormente (conto de histórias, canções, construção da árvore de Natal, vamos vestir o Pedro), foram realizadas com todo o grupo, sendo estas destinadas à partilha, ao diálogo e ao divertimento conjunto. Tal como refere Hohmann e Weikart (2011) “O tempo em grande grupo constrói nas crianças um sentido de comunidade. As crianças e os adultos juntam-se para atividades de cantar, movimento e música, leitura de histórias e dramatizações de histórias e de acontecimentos” (p.231).

Geralmente, nos momentos de grande grupo, as crianças estão sentadas no tapete em roda e segundo Zabalza (1998), esses momentos são “Excelentes momentos para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências-chave (descrevem comportamentos que as crianças realizam naturalmente) de desenvolvimento sócio emocional, representação, música, movimento etc. (...)”. Considerando que, “está a exercitar atitudes como a confiança, a autonomia, a iniciativa, a empatia, e a autoestima” (p.194).

Ao nível da **Expressão Plástica** desenvolvi diversas atividades, tais como: pinturas (estrelas, sinos, pinheiros); exploração de massa de modelar; desenho livre (coroa de Rei); exploração de folhas de revista / papel crepe e papel de seda (rasgar/ amachucar e fazer bolas), onde foram utilizadas várias técnicas, de forma a todos experimentarem e explorarem, proporcionando situações motivadoras e criativas. Segundo o ME (1997), as atividades de

expressão plástica são situações educativas em que crianças ao explorar se sentem bastante envolvidas. De facto, pude constatar que durante essas atividades as crianças estiveram concentradas e motivadas.

Na área da pintura as crianças usaram várias técnicas: pintar com as mãos, com esponjas e com pincéis (anexo 23); na modelagem usaram as mãos e formas (anexo 24); no desenho livre utilizaram cartolinas, canetas de feltro e lápis de cera (anexo 25) e na exploração de folhas contactaram com revistas e papéis com diferentes texturas (crepe e seda) (anexo 26). Deste modo, proporcionei às crianças oportunidades de explorarem e manipularem vários tipos de materiais e experimentarem as mais variadas sensações que, segundo Piaget correspondem ao estágio sensório-motor.

Estas atividades eram sempre iniciadas no tapete, num diálogo com as crianças para lhes explicar o que elas iriam desenvolver posteriormente. Após a explicação, perguntava às crianças individualmente o que estas queriam fazer primeiro, dando-lhes assim oportunidade de escolha. Este tipo de comportamento serviu-me de estímulo e acabou por reforçar a motivação da criança para a atividade.

Todas estas atividades de expressão plástica foram realizadas em pequeno grupo, sendo este dividido em duas mesas, isto é, enquanto umas ficavam numa mesa a fazer pinturas, as outras ficavam a fazer modelagem trocando de atividade ao fim de algum tempo, o que permitia que todas as crianças tomassem contacto com diferentes tipos de materiais e técnicas.

Tal como afirmam Hohmann e Weikart (2011) as atividades que são trabalhadas em pequenos grupos têm de estar planificadas (início, período intermédio e fim da atividade) sendo preciso organizar e preparar os materiais. No início da atividade os materiais devem estar dispostos ao nível das crianças. Esta estratégia facilitou-me para que depois de uma breve explicação da atividade, não houvesse interrupções e as crianças se dirigissem logo para as mesas para começarem e não se dispersarem. Ainda segundo os mesmos autores, o educador deve-se colocar ao mesmo nível que a criança para a observar, a ouvir, a encorajar, conversando e tentando incentivar a partilha entre elas sem nunca se esquecer que todas devem receber atenção.

Em todas as atividades que desenvolvi, assim como em todos os momentos (desde o acolhimento ao prolongamento) tive como objetivo fundamentar o intercâmbio linguístico entre criança/criança e adulto/criança, estive sempre atenta às necessidades da criança,

incentivei-as, apoiei-as e interagi com elas no seu dia a dia, ouvindo-as, dando tempo para que respondessem, valorizando as suas descobertas, repetindo palavras ou frases com vocabulário correto e participando na comunicação dar-e-receber. Deste modo, todos os momentos foram dedicados à “aprendizagem.”

Em relação às brincadeiras livres, foram também realizadas em pequenos grupos, em áreas diferentes da sala. Ao brincarem livremente as crianças exploraram a realidade e a cultura onde estavam inseridas, interiorizando ao mesmo tempo regras, sendo elas fundamentais à organização do espaço e ao desenvolvimento da criança. Algumas dessas regras (delimitação do espaço e número de crianças por área) devem ser incutidas de modo a proporcionar um ambiente mais organizativo e participativo. Estas áreas, como cita Post e Hohmann (2011) devem “ Incluir um espaço amplo para as crianças se movimentarem à vontade, utilizarem materiais, e poderem interagir socialmente (...).” Ainda os mesmos autores são da opinião que “ Convém manter o chão tão livre e descongestionado quanto possível” (pp. 102-104).

O trabalho individual junto de cada criança também foi bastante valorizado, de forma a apoiá-la e a incentivá-la como por exemplo: na hora do almoço, ensinando-as a pegar nos talheres; na higiene, a vestir e despir-se sozinhas e na sesta a apoiá-las a tirar os sapatos e tapá-las. Ao responder às suas necessidades, criei um elo de ligação com as crianças e desta forma uma relação de segurança e confiança entre ambas, o que me facilitou na minha prática educativa.

De modo a finalizar e divulgar o Projeto “ O Cantinho dos Sons” elaborei uma síntese de todas as atividades realizadas durante o percurso de estágio para apresentar aos pais e familiares, aos trabalhadores da instituição e ao outro grupo de crianças. Esse trabalho foi feito através de uma exposição (anexo 27) na sala polivalente e teve uma duração de 3 dias.

Avaliação

Neste estágio, também percebi que através de uma avaliação, a prática pode ser melhorada e aperfeiçoada, sendo esta uma “ferramenta” que serviu para orientar as minhas atividades, adequar os objetivos e decidir as melhores estratégias de ensino educativo. Nesta faixa etária tive em atenção o desenvolvimento, o bem-estar e o processo de aprendizagem das crianças, através dos registos de observações diárias durante as suas brincadeiras, no sentido de ir conhecendo e apoiando a criança.

Percurso investigativo

Na minha experiência nos diversos estágios ao longo do mestrado deparei-me com algumas situações em que considerei, que em vez de se promover a criatividade, as educadoras de infância não deixavam a criança explorar, tentando direcioná-las noutro sentido. A título de exemplo, depois de as crianças saberem as cores de vários animais, num atividade de desenho livre a educadora apercebe-se que há uma criança que pintou um porco de azul e questiona-a “Achas que os porcos são azuis?” e a criança respondeu “ Eu sei que os porcos são cor de rosa, mas não posso pintar de azul?” e a educadora respondeu-lhe “ Não, porque não há porcos azuis.” Estas situações fizeram-me questionar sobre qual seria a atitude mais adequada, privilegiar a criatividade e nesse caso estaria correto que os porcos fossem azuis ou privilegiar a aprendizagem das cores e a correta associação aos animais e nesse caso a atitude da educadora poderia ser a correta. Na minha opinião creio que as duas situações podem e devem existir. Por um lado, parece-me correto que as crianças saibam as cores “reais”, que existem no mundo que as rodeia, por outro lado quando falamos de criatividade é imprescindível que as crianças tenham a noção que os porcos são cor de rosa, mas que queiram deliberadamente pintá-los de outra cor.

Segundo o modelo “Reggio Emilia”, que estudámos durante o percurso formativo procurei conhecer melhor as suas práticas e fundamentos, pois este modelo perspectivava novos horizontes. De modo diferente ao que observei em alguns dos estágios, na abordagem de Reggio Emilia o educador tem como função promover a aprendizagem cognitiva, social, física e afetiva, criando um ambiente rico, motivador, que estimule as crianças à diversidade de experiências que vão ao encontro das suas necessidades e interesses. É este ambiente que possibilita o desenvolvimento da criatividade. O papel do educador é apoiar as crianças a levantar hipóteses e criar soluções para um problema específico, não facilitando, mas sim encorajando, estimulando e cooperando com elas. A criança não deve ver o educador como um juiz, mas sim como um recurso de a quem pode dirigir-se sempre que necessário (Edwards, C., Gandini, L., & Forman, G., 1995)

Outro exemplo de não promoção da criatividade é o facto de algumas atividades parecerem produções em série, onde todas as crianças trabalham com os mesmos materiais, pintam com as mesmas cores, nos mesmos formatos, como nas atividades de desenho livre observada em estágio de Jardim de Infância, onde todas as crianças só tinham como material marcadores e folhas A4 brancas, questionei-me porque é que não poderiam ter outro material (lápiz de cera,

lápiz de cor, tintas, etc.) e as folhas tinham de ter todas o mesmo formato. Enquanto, na abordagem Reggio Emilia, a criança tem ao seu dispor diversos materiais de desperdício (botões, sementes, madeira, conchas, etc) e objetos (mesas com luz, cavaletes, etc) para que os trabalhos não sejam uma “imitação”, mas diversificando-os, contribuindo para a criatividade e sensibilidade estética.

Realizadas algumas leituras tomei a decisão de justificar o meu estudo e investigar nesta área mais concretamente para entender a presença e valorização dos processos criativos em educação.

PARTE II – Prática Investigativa

Introdução (Justificação do Estudo)

A escolha do tema para investigação surgiu da necessidade de como futura educadora/professora, perceber como posso promover a criatividade nas crianças/ alunos e quais as estratégias a desenvolver de acordo com a faixa etária e com os interesses de cada um, individualmente e em grupo.

Na escola onde realizei o último estágio em 1º Ciclo do Ensino Básico, já nos dias finais, um aluno da escola convidou-me para ir ver a sala dele, justificando que era “ a mais bonita de todas.” Aceitei o convite e dirigi-me com ele à sala. Era um espaço que transmitia beleza e harmonia, as paredes estavam repletas com uma diversidade de trabalhos construídos pelos alunos, tinham vários materiais ao seu alcance, que mais tarde pude observar, tais como - materiais de desperdício e materiais destinados à realização de experiências, etc. Depois de ver a sala, perguntei ao aluno porque é que ele achava que era a mais bonita de todas e ele respondeu: “ Temos o sistema solar no teto, feito por nós, que se movimenta quando abrimos a janela, a D. Augusta da “Girafa que comia estrelas” história que lemos na sala e muitos materiais para aprendermos e criarmos.”

Em conversa com a professora da respetiva sala tive oportunidade de perceber que a mesma interligava os conteúdos programáticos com a pintura, colagem, desenho, experiências, de modo que os alunos explorassem os materiais dando-lhes a possibilidade de terem acesso a vários recursos para aprenderem, exprimirem-se e de forma a educar a sensibilidade estética. Deste modo, o aluno desenvolve o pensamento crítico e a criatividade. Esta experiência

suscitou-me ainda mais interesse na compreensão e aplicação de estratégias que promovam a criatividade na educação.

Depois deste momento de partilha ainda fiquei mais motivada e interessada nesta temática e procurei conhecer uma educadora que usasse uma metodologia do Reggio Emília, para completar o meu estudo.

Assim, com este trabalho, pretendo compreender e valorizar como a criatividade pode ser desenvolvida em contexto de Jardim de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico de modo a facilitar o ensino – aprendizagem de todas as áreas, promovendo o desenvolvimento global da criança. Neste sentido elaborei um estudo exploratório em que procurei aprofundar a relevância da criatividade na Educação de Infância e no 1.ºCiclo do Ensino Básico.

Revisão da literatura

Criatividade

Nas últimas décadas, segundo Alencar (2009) temos assistido a grandes mudanças e inovações na nossa sociedade, sendo cada vez mais difícil dar resposta a todos os desafios com que nos deparamos. Assim, cada vez se torna mais importante o desenvolvimento da criatividade, por esta ser uma “peça” fundamental para o desenvolvimento do indivíduo contemporâneo sendo um recurso essencial para conseguir ultrapassar os desafios que surgem numa sociedade dinâmica e complexa. Neste sentido, a autora relembra que, já em 1959, Rogers teria afirmado que havia

(...) uma necessidade social desesperada de comportamentos criativos por parte dos indivíduos ...Num tempo em que o conhecimento, construtivo e destrutivo, está a avançar de forma acelerada em direção a uma era atômica fantástica, uma adaptação genuinamente criativa parece apresentar-se como a única possibilidade para o homem se manter à altura das mudanças caleidoscópicas do seu mundo...(2009, p.4).

A criatividade é um conceito complexo, uma vez que é difícil de elaborar uma definição precisa e universalmente aceite, porque os atos criativos não obedecem aos critérios da frequência e previsibilidade inerentes a todas as ciências que pretendem dar uma explicação dos mesmos. Há inúmeras definições de criatividade porque cada autor tenta defini-la de acordo com o aspeto que julga mais relevante, indo desde características individuais intrínsecas ao ser humano à consideração de fatores ambientais para as manifestações

criativas; ou seja este conceito é abordado em diferentes perspectivas (sociológicas, filosóficas, psicológicas, artísticas, entre outras) (Bahia & Nogueira, 2005).

Há quem considere que a criatividade está somente relacionada com as atividades artísticas, menosprezando os outros campos profissionais; há quem considere que é de origem inata, não podendo ser aprendida nem desenvolvida e também há quem considere que as pessoas mais espontâneas são muito criativas. No entanto, por muitos anos, o termo criatividade era atribuído à religião e à filosofia, o que tornou mais difícil conseguir uma definição coerente e racionalista.

Desde a antiguidade que existe o conceito de criatividade, mas só em 1950 é que se lhe dá destaque através de Guilford, que definiu criatividade como “ A habilidade de gerar um leque de soluções possíveis para um problema que não tem resposta direta e simples”; ainda o mesmo autor (1986, citado por Bahia & Nogueira, 2005, p.341) define criatividade como “Um processo mental através do qual a pessoa produz informação que não possuía e sugere que tal como a inteligência, a criatividade segue uma distribuição normal, pelo que todas as pessoas acabam por ser criativas, embora em diferente grau.” Este processo mental é a capacidade de criar diferentes respostas face a um mesmo problema, ou seja, ter um pensamento divergente.

Para Torrance (1988, citado por Santos, 2010) a criatividade é referida como uma capacidade essencial ao ser humano que permite a compreensão de um problema e a criação de novas ideias, um fenómeno com inúmeros aspetos que desafia uma definição precisa.

Outra definição relativa à criatividade é a de Vygotsky (1978) quando a define como uma qualidade intrínseca à natureza do Homem, uma vez que cada individuo é um criador flexível do seu futuro, contribuindo assim para o futuro da sua cultura através do crescimento e da criatividade.

Teorias sobre a criatividade

Para compreender melhor o que é a criatividade e como não há uma teoria que seja aceite por todos, foi necessário defini-la através de diferentes teorias, mais concretamente a filosófica, a biológica e a psicológica. Deste modo, podemos destacar algumas teorias e alguns investigadores.

Wechsler (2008) cita às abordagens filosóficas antigas que consideram que este processo ocorre por inspiração divina, também refere que para Platão “... o homem tinha acesso a uma

visão interior que se identificava com a razão divina e com a qual se apreendiam as realidades eternas” (p.20). Dentro da mesma abordagem a autora faz referência à criatividade enquanto forma de loucura, sendo esta relacionada com a espontaneidade, a irracionalidade e a originalidade levando o sujeito criativo a ser olhado como um “anormal” ou um “louco” perante a sociedade.

A criatividade além de ser vista como inspiração divina ou uma forma de loucura é ainda concebida como forma de intuição. Ainda a mesma autora refere que Descarte considerava que as ideias da alma eram inerentes ao próprio indivíduo, deste modo o sujeito criativo é visto como um ser saudável e com uma grande capacidade de intuição.

Também para Weisberg (1986, citado por Azevedo, 2007) a criatividade é vista como algo inexplicável até para a própria pessoa, uma vez que não sabe de onde surgiram as suas ideias.

Dentro das abordagens biológicas encontramos a teoria da evolução de Darwin que veio alterar o conceito de criatividade, sendo vista como uma força vital, fora do controle pessoal, transmitida pelos códigos genéticos. Segundo esta teoria, a hereditariedade é o fator principal para a obtenção da criatividade, fugindo ao controle da pessoa e não podendo ser educada (Wechsler,2008).

Nas abordagens psicológicas deparamo-nos com as teorias associativas, comportamental e gestaltista; teorias psicanalíticas e teorias humanistas. Nas teorias “associativistas” e “comportamental” o pensamento está associado às ideias, oriundas da experiência. Defensor da teoria comportamental, Skinner (1979) diz que a criatividade é uma associação entre estímulos e respostas e que dependem do comportamento (Wechsler,2008). Na mesma linha de pensamento, Morais (2001) afirma que o processo criativo consiste na “disposição de elementos associativos em novas combinações, sendo a qualidade desse processo mais elevada, quanto maior for a distância entre os elementos envolvidos” (p.109).

Na teoria de Gestalt o sujeito criativo entende sempre o problema como um todo e por isso tenta sempre encontrar uma solução para obter uma forma completa. Wertheimer (1959, citado por Wechsler, 2008, p.22) também afirma que o processo criativo “(...) não consiste em adicionar ou associar formas ou informações, sim em compreender a visão do todo.” Segundo esta teoria a criatividade consiste na substituição de uma “gestalt” por outra, ou seja, encarar o problema de outra maneira através de dados concretos ou imaginados.

Na teoria psicanalítica, Freud (1958, citado por Wechsler, 2008) refere-se ao processo criativo como algo que surge no inconsciente e que depois é transmitido ao consciente, adiantando que o comportamento criativo é para as crianças uma forma de resolver os seus problemas através dos jogos, das dramatizações e dos desenhos e para os adultos a forma de os resolver é através do “sonhar acordado.”

Nas teorias humanistas, Carl Rogers, May e Maslow destacaram-se ao valorizarem as forças intrínsecas do homem. Na perspectiva de Rogers (1977) a pessoa criativa tem de ter condições interiores para desenvolver a criatividade, isto é, abertura às experiências, lugar interno de avaliação e capacidades para viver o presente. Ainda segundo o mesmo psicólogo o sujeito criativo autorrealiza-se quando encontra as condições adequadas para desenvolver o seu potencial. Também para May (1975) a criatividade pode resultar de uma ideia, de um pensamento ou de algo que nos rodeia, sendo por isso muito importante ter em conta os fatores físicos e psicológicos. Por fim surge Maslow (1968) que segue a mesma linha de pensamento de Rogers (1977), quando afirma que a criatividade é uma autorrealização. (Wechsler,2008)

Nas abordagens psicoeducacionais podemos distinguir a teoria cognitivista e a educacional. Primeiramente destaco os aspetos que considero mais relevantes da teoria cognitivista e segundo El- Murad & West (2004, citado por Azevedo, 2007) a teoria cognitivista tem como objetivo entender as representações e processos cognitivos implícitos ao pensamento criativo.

Para Guilford (1977, citado por Wechesler, 2008) “A criatividade estaria na operação do tipo Produção Divergente” (p.30), tendo sempre em conta as “ OPERAÇÕES + CONTEÚDO + PRODUTOS”, ou seja, para o mesmo problema poderão existir diferentes tipos de resposta. Ainda para Guilford a criatividade não se restringe somente aos fatores cognitivos, mas também devemos ter em conta a importância da personalidade, por isso devemos estar sempre predispostos a novos desafios, a novas experiências, a novas informações.

Enquanto na teoria educacional, Paul Torrance (1965, citado por Wechsler, 2008) um dos grandes estudiosos da educação da área da criatividade, define-a como o processo de: “Tornar-se sensível a falhas, deficiências na informação ou desarmonias; identificar as dificuldades ou os elementos faltantes; formular hipóteses a respeito das deficiências encontradas; testar os resultados encontrados” (p.32).

As referências destes autores são essenciais para enquadrar a minha questão de investigação e a problemática em estudo.

Tipos de criatividade

Quando falamos de criatividade, há autores que distinguem diferentes tipos de criatividade. Taylor (1955, citado por Sousa 2003) considera cinco tipos de criatividade: criatividade expressiva; criatividade produtiva; criatividade inventiva; criatividade inovadora e criatividade emergente.

- Na *criatividade expressiva* o indivíduo é livre de expor os seus sentimentos de modo criativo, como por exemplo no desenho livre, na expressão verbal e na dramatização, entre outras.
- A *criatividade produtiva* recorre a talentos e aptidões desenvolvidos e controlados, ou seja, tem mais interesse a produção da obra do que a expressão, a título de exemplo temos a investigação científica.
- A *criatividade inventiva* consiste na perceção de relações novas para se obterem invenções totalmente originais, como por exemplo as grandes invenções.
- Na *criatividade inovadora* é necessário ter uma grande capacidade de abstração, consistindo numa transformação causadora de progressos, dando como exemplo o famoso Einstein.
- A *criatividade emergente* consiste na criação de princípios fundamentais totalmente novos, só conseguida pelos génios, como exemplo, podem ser apontados Leonardo Da Vinci, Camões e Mozart.

Processo criativo

No processo criativo nem todos os autores consideram o mesmo número de etapas sendo que Wallas (1926) considera quatro etapas, Kneller (1978) e Harris (1960) cinco e seis etapas respetivamente, no entanto, todos são unânimes em manter quatro etapas: preparação, incubação, iluminação e verificação. Nesta linha de pensamento considere mais importante abordar as etapas supracitadas.

Wallas (1926) referido por Sousa (2003) organizou o modelo do processo criativo em quatro etapas:

A primeira etapa é a **preparação**. Para começar é preciso surgir uma curiosidade/ problema por resolver; de seguida deve-se recolher informação, documentação e conhecimento sobre a questão e por fim será desenvolvido um trabalho que irá de encontro ao problema.

A **incubação** é a fase seguinte, é o que vulgarmente chamamos “dormir sobre o assunto.” Uma boa parte do trabalho mental criativo acontece a um nível não consciente, passando por uma fase de amadurecimento. Neste estágio surge uma mistura e uma associação de ideias que se relacionam com outros conteúdos da memória. Da incubação não resultará nada criativo, a menos que a pessoa esteja intrigada com um problema e tenha conhecimentos suficientes sobre aquele tema para avaliar as suas próprias associações de ideias. Os indivíduos criativos produzem muitas ideias mas também descartam imediatamente as que não fazem sentido.

Quando uma nova combinação de ideias é suficientemente forte para passar a seleção inconsciente, ela vem à consciência sob a forma de um momento de **iluminação** (“Eureka”), ou seja, o aparecimento repentino e inesperado da solução.

Por último surge a **verificação**, onde se avalia a solução encontrada, a sua adaptabilidade e se esta soluciona o problema.

Criatividade na educação

A criatividade permite a evolução da sociedade e desempenha uma das funções primordiais no desenvolvimento pleno do ser humano, por este facto deve-se encorajá-la, no entanto existem fatores que influenciam o seu desenvolvimento nomeadamente a família, a escola e o ambiente sociocultural (Candeias, 2008).

Na família, a criança encontra o seu primeiro exemplo porque é no seu seio que irá ser educada, incentivada e apoiada no seu desenvolvimento. Se esta oferecer à criança um ambiente estimulativo, cheio de experiências, mais facilmente irá surgir na criança a vontade de ser criativa.

Martinez (1995) diz-nos que é na infância que se encontram as maiores potencialidades criativas do indivíduo, mas que na maioria dos casos em vez de se desenvolverem são dificultadas no decorrer da vida. Na mesma linha de pensamento surgem Alencar e Fleith (2003) quando referem que é de extrema importância estimular a imaginação da criança

durante a infância (entre os dois e os seis anos). Nesta fase de desenvolvimento é fundamental que os pais incentivem a autoconfiança, a autonomia, a exploração dos seus interesses e do seu mundo interior e que não haja uma relação possessiva entre os pais e a criança; por outro lado deve-se ter em atenção a crítica e o autoritarismo aplicados. Também para Amabile (1989) é importante respeitar a criança, ensinar-lhe a ser autónoma e dar-lhe liberdade com regras, ensiná-la a descrever as suas emoções, mostrar-lhe que aprender não é só ter notas elevadas, apreciar a criatividade e incentivá-la, ensiná-la a aceitar as críticas construtivas, em suma, fazer com que a família seja um potencial espaço criativo. Não é só no seio da família que a criatividade se pode desenvolver, esta também deve ser desenvolvida na escola.

Torrance (1963, citado por Morais e Azevedo, 2008) diz que “ (...) as escolas existem para aprender (...), as escolas do futuro serão pensadas não só para aprender, mas para pensar (...). Este é o desafio criativo para a Educação” (p.159). Também Noller (1992, citado por Wechsler, 2008) é da mesma opinião e acrescenta que o ensino criativo deve ser desenvolvido através do desenvolvimento da motivação interna de cada aluno.

Sendo a escola um local onde ocorre a maior parte da educação, De La Torre (1995) considera importante que o sistema educativo não estimule somente o pensamento convergente, lógico e objetivo mas que desenvolva a imaginação criativa, própria do pensamento divergente, intuitivo e subjetivo. Contudo existem vários fatores que contribuem para a origem deste problema (desenvolvimento da criatividade) que vão desde a formação de professores, turmas demasiado extensas, currículos extensos, recursos desadequados e tempo limitado para que se consiga dar resposta a todos os conteúdos, ficando assim a criatividade dos alunos aquém do desejado (Nias,2001).

Bahia e Nogueira (2006, citado por Azevedo,2007) também são da opinião que a criatividade é pouco promovida nas escolas porque existem rotinas, conformismo, competição, comparação, escassez de espaço e de tempo para estimular a curiosidade e o “medo” de fazer diferente, pois pode induzir a erro.

Na mesma linha de pensamento, Carneiro (1996, citado por Martins 2004), refere que a escola não pode “continuar a preparar para uma cultura de submissão, não pode rejeitar o diferente, não pode desconhecer a natural diversidade das pessoas e permanecer um modelo fabril da educação” (pp. 301-302).

A escola dos dias de hoje, na maior parte das vezes é seguidora de uma sociedade industrial onde predomina um ensino convergente e linear, contudo é cada vez mais “urgente” apelar à criatividade e para isso uma das peças fundamentais é o professor enquanto pessoa e enquanto educador. Enquanto pessoa destacamos a personalidade e crenças pessoais, como educador, deve ter uma boa relação com os alunos, utilizar estratégias diversificadas assim como os recursos. Além disso, as suas características pessoais influenciam as estratégias promotoras de criatividade, isto é, se um professor é criativo tem todo o potencial para desenvolver a criatividade nos alunos, caso contrário usa apenas estratégias que já conhece, com medo de errar (Martins, V., 2004).

Para Renzulli (1992), as características profissionais também influenciam a prática do ensino criativo, pois para desenvolver a criatividade é necessário que um professor ame o que faz e que tenha domínio sobre os conteúdos a lecionar.

Autores como Caldeira (2006) e Sousa (1999, citado por Azevedo, 2007) acrescentam ainda que o professor deve dar oportunidades, permitindo que o aluno desenvolva as suas ideias, faça escolhas e pense por si; ensiná-lo a lidar com o erro, a não desistir dos problemas; fornecer diversos materiais; desenvolver a autonomia e encorajar o aluno para seguir em frente e proporcionar um ambiente agradável nas aulas.

Perante o referido anteriormente, também Wechsler (2008) afirma que o desenvolvimento da criatividade depende do ambiente onde estamos inseridos. Da mesma opinião são Sanches, Martínez e García (2003) quando referem que a criança precisa de um “ambiente estimulante (...) onde estejam presentes todas as condições necessárias ao aparecimento de ideias criativas (...)” (p.27). Ainda Sternberg e Lubart (1999) reforçam esta ideia ao dizerem que “o indivíduo precisa de um ambiente que encoraje as suas ideias criativas. O indivíduo pode ter todas as condições internas necessárias ao desenvolvimento do pensamento criativo, mas sem o estímulo do ambiente, a sua criatividade nunca se manifestará” (p.11).

Ainda de extrema importância para o desenvolvimento da criatividade é a relação professor – aluno. Segundo Alencar (2009) para promover o potencial criativo nos alunos, o professor deve: dar oportunidade para levantarem questões e expressarem suas opiniões; dar tempo para pensarem; desenvolver um ambiente de respeito entre todos; deixá-los explorar para que estes se tornem curiosos; valorizar, apoiar e incentivar o trabalho e as descobertas dos alunos “Estás a ir bem, continua”; dar oportunidade de experimentar e manipular objetos e também é

importante que o professor crie momentos de reflexão para partilharem em conjunto todos momentos de modo a perceber as expectativas dos alunos e o que mais gostaram e o que lhes desperta mais interesse.

Por último surge-nos o fator sociocultural que segundo Alencar e Fleith (2003) a expressão criativa não depende apenas das características individuais do ser humano, o ambiente (cultural, social e histórico) também tem um papel primordial na estimulação ou na inibição de se ser criativo, porque como elementos da sociedade, somos influenciados pelo momento em que nos encontramos e pela cultura. Deste modo, poder-se-á dizer que o contexto social e as interações sociais em que um indivíduo está inserido têm um papel fundamental na estimulação da criatividade.

Criatividade nos documentos orientadores para o para o Pré-escolar (OCEPE) e para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (Programas e Metas curriculares)

Considero pertinente para a minha investigação verificar a relevância do conceito de criatividade nos documentos orientadores para o Pré-escolar (OCEPE) do ME e para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (Programa e Metas Curriculares) também do Ministério da Educação.

Ao analisar as OCEPE do ME (1997) percebi que pouca importância se dá ao conceito de criatividade, só surgindo uma vez aplicado ao educador e não às crianças:

Para esclarecer melhor o que se entende por cada área ou domínio, apresentam-se, ao longo do texto, alguns exemplos que não esgotam as possibilidades de cada área, nem têm como intenção diferenciar níveis de desenvolvimento e aprendizagem. Os exemplos apresentados não pretendem, pois, ser limitativos das opções, das práticas e da **criatividade** do educador (pp.50-51).

Ainda nas OCEPE (1997:38) encontrei a palavra “criativas”, referente à organização do espaço e à possibilidade das crianças escolherem: “A possibilidade de fazer escolhas e de utilizar o material de diferentes maneiras, que incluem formas imprevisíveis e **criativas**, supõe uma responsabilidade pelo que é partilhado por todos”

À semelhança do que acontece nas OCEPE, também no documento Organização Curricular e Programas, Ensino Básico – 1.º Ciclo a importância dada à criatividade parece relegada para segundo plano, surgindo apenas o termo “criativas”, na área de expressão e educação musical onde podemos ler: “A participação em projectos pessoais ou de grupo permitirá à criança

desenvolver, de forma pessoal, as suas capacidades expressivas e **criativas**” (p.67); “As atividades musicais a desenvolver devem atender à necessidade de a criança participar em projectos que façam apelo às suas capacidades expressivas e **criativas** (p. 72); Voz, corpo e instrumentos formam um todo, sendo a criança solicitada a utilizá-los de forma integrada, harmoniosa e criativa” (p. 68).

Quanto às Metas Curriculares de Português do Ensino Básico encontramos a palavra “criativos” no seguinte objetivo geral “ Produzir textos com objetivos críticos, pessoais e **criativos**.” (p.5) Ainda nas mesmas Metas há uma alusão ao termo “criativos” no domínio “Introdução à Educação Literária” sendo que no primeiro ano encontramos o seguinte descritor de desempenho: “Dizer e contar, em termos pessoais e **criativos**” (p.48); Já no segundo, terceiro e quartos anos pretende-se que os alunos sejam capazes de “Dizer e escrever, em termos pessoais e **criativos**” (pp.53-57-63).

Criatividade na Lei de Bases do Sistema Educativo e Estatuto da Carreira Docente

Na Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46.º/86, de 14 de outubro), a palavra “criativa” é referida no artigo 5.º num dos objetivos da educação Pré-escolar: “ Desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação **criativa** e estimular a atividade lúdica.” Já no artigo 7.º, é mencionada a palavra “criatividade” num dos objetivos do Ensino Básico: “Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidades de raciocínio, memória e espírito crítico, **criatividade**, sentido moral e sensibilidade estética (...).”

No fim de analisar os documentos orientadores para o Pré-escolar e para o 1.º Ciclo do ensino Básico, constato que é dada pouca relevância ao conceito de “criatividade”. Pergunto-me porque será dada tão pouca importância a esta temática, sendo ela tão fundamental para o desenvolvimento global das crianças? Neste sentido penso que será relevante aprofundar a forma com educadores e professores trabalham a criatividade com as crianças e investigar sobre a promoção da criatividade em contexto educativo.

Objetivo e questões

O meu Relatório Final centra-se na Promoção da Criatividade em Educação de Infância e 1º Ciclo do Ensino Básico, através de um estudo de carácter exploratório que me permita obter informação e responder às seguintes questões.

- Qual o grau de importância atribuído ao desenvolvimento da criatividade nas crianças/alunos?
- Qual a forma de promover a criatividade através da prática em contexto educativo?

Metodologia da pesquisa

Tendo em conta a questão de investigação, os objetivos do estudo e a revisão da literatura, recorri a uma metodologia de investigação qualitativa. Tal como refere Bodgan e Biklen (1994), uma investigação qualitativa é um “ termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características”, sendo elas: “ (...) A fonte direta de dados é o ambiente natural (...) ”, “ A investigação qualitativa é descritiva”, “ O significado é de importância vital (...) ”, “Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo (...) e tendem a analisar os seus dados de forma intuitiva” (pp.16;47-50)

De entre os vários métodos de investigação qualitativa, optei por recorrer a um método de cariz exploratório, que segundo Gil (1999) “ Visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses, tendo como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (p.45). Neste sentido o método exploratório pode ser realizado a uma amostra reduzida, de modo a que o investigador consiga expor o seu problema de pesquisa, tendo como objetivo familiarizar-se com a temática em estudo.

Num estudo exploratório é necessário que se faça uma pesquisa bibliográfica sobre a temática em estudo e que as pessoas envolvidas tenham experiências acerca da questão problema.

Participantes

Para tentar dar resposta ao projeto de investigação, tive necessidade de procurar duas participantes, uma educadora de Pré-escolar e uma professora de 1º Ciclo do Ensino Básico, com práticas consideradas criativas pelos seus pares para obter dados em relação ao problema investigado.

Instrumentos de recolha de dados

Na realização deste estudo foi utilizado como instrumento de recolha de dados a entrevista, que segundo Bogdan & Biklen (1994) “É utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma

ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (p.134). Também o autor, Haguette (1997) define entrevista como um “ Processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (p.86).

A entrevista utilizada foi a semiestruturada, que consistiu em colocar presencialmente questões abertas à educadora e à professora de 1.º Ciclo do Ensino Básico. As perguntas formuladas foram organizadas num guião (Anexo28) que serviu de suporte durante a entrevista, sendo neste que se encontram as questões fulcrais da investigação. No entanto, estas questões podem não ser colocadas pela ordem predefinida e para além destas, podem, ao longo da entrevista, surgirem outras que não façam parte do guião.

Comecei por fazer uma breve apresentação do que se pretendia, dizendo às participantes que a entrevista serviria apenas para a elaboração do trabalho de investigação. Neste sentido, ao pedir a colaboração das participantes, questionei-as sobre a gravação da mesma, reforçando que por questões de privacidade, o nome seria omitido, tendo ambas aceitado as condições. De seguida foram feitas algumas perguntas sobre o percurso das entrevistadas, tais como: “Qual a sua formação académica?”, “Qual o seu percurso profissional?”, “Quanto tempo tem de serviço?” e “Qual a razão que a levou a escolher a profissão atual?” de forma a conhecer o percurso profissional das mesmas. No decorrer da entrevista, tal como refere Lopes (2006) também eu enquanto investigadora soube escutar, não interrompi o pensamento do entrevistado, deixei que surgissem alguns momentos de silêncio, nos quais o entrevistado refletiu acerca do que estava a dizer. Depois de finalizada a entrevista registei as observações relativas aos entrevistados, assim como o ambiente no qual se desenvolveu a entrevista.

Procedimentos

Ao escolher a educadora de infância como participante fiz uma pesquisa de forma a encontrar um Jardim de Infância que se baseasse na Abordagem Reggio Emilia, pois nesta Abordagem o conceito de criatividade é relevante. Após contacto telefónico onde expliquei o que pretendia, foi feita uma visita ao Jardim de Infância em horário de funcionamento. Este primeiro contacto permitiu-me uma apreciação geral sobre as instalações e como decorria a prática pedagógica.

Em relação à professora do 1.º ciclo do Ensino Básico, o processo foi idêntico, mas dirigi-me diretamente à escola onde conversei com a professora e expliquei-lhe o que pretendia. Após a

conversa, a mesma convidou-me para assistir/participar num atelier com os seus alunos (esse atelier realizou-se durante três dias após terminado o 3.º período).

Depois de ter oportunidade de estar em sala com as crianças/alunos, combinei com a educadora e com a professora um dia para a realização das entrevistas. As entrevistas ocorreram nos respetivos contextos educativos, onde exercem as suas funções. A entrevista da educadora deu-se no final da sua prática pedagógica e da professora realizou-se durante as férias dos alunos.

Para finalizar a entrevista, pedi a ambas que de dez imagens anteriormente solicitadas seleccionassem três das atividades que promovessem a criatividade e explicassem porquê. O objetivo foi perceber com exemplos reais o tipo de prática educativa que promove o espírito criativo nas crianças/alunos.

As entrevistas foram realizadas através de um diálogo, onde eu (investigadora) ia questionando a educadora/professora (entrevistadas) e através de um gravador de voz captei melhor todas as ideias sobre a questão em estudo, tendo obtido autorização das mesmas para o efeito. Este instrumento de pesquisa facilitou-me na análise de dados, dos quais irão surgir os resultados obtidos (*ver análise das entrevistas e análises das imagens*). Por fim destaco as principais conclusões do estudo.

Recolha e análise de dados

Neste ponto irei fazer a apresentação dos dados recolhidos da investigação. Para analisar os dados recorri às entrevistas transcritas (Anexo 29) e posteriormente à seleção de todos os dados pertinentes ao tema da investigação.

Análise dos dados – Entrevista à Educadora de Infância e à Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico

I – Caracterização das entrevistadas

Participantes	Idade	Anos de Serviço	Valência de Serviço
Educadora	50 anos	29 anos	Pré-Escolar
Professora	56 anos	39 anos	4.º Ano

II – Análise das entrevistas

As entrevistas realizadas surgiram com o objetivo de inquirir uma educadora do Pré-escolar e uma professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico para perceber como promovem a criatividade na sua prática pedagógica, bem como a importância que atribuem à temática para o desenvolvimento global da criança.

Seguidamente são apresentados os resultados obtidos através da transcrição das entrevistas.

As perguntas iniciais estão relacionadas com o percurso profissional das entrevistadas e, antes de perceber a importância da criatividade para as entrevistadas considere pertinente entender quais são as **competências que consideram essenciais a um profissional de educação**. A educadora respondeu “ Sensibilidade, mentalidade aberta (muito mesmo), acreditar que se está constantemente a aprender, ter a capacidade de verdadeiramente ouvir as crianças e a partir daí elaborar o seu trabalho e depois ir aceitando sempre as atualizações que existem perante determinado caminho que queremos fazer do nosso percurso profissional.”

A professora sublinha “Primeiro que tudo amor pelo que se faz. Dedicção, paciência, doação (...) prazer por cada momento que passo com as crianças e na escola. Depois um ótimo conhecimento do curriculum e métodos de ensino que sejam eficazes e apelativos. Muita cultura geral, não parar de aprender (ser sempre curioso) e deixar-se encantar, maravilhar-se com o mundo, ser adulto sem esquecer a criança que já fomos. Cumprir sempre o que se diz, ser íntegro e verdadeiro.”

Na questão “ Quais são as principais **competências a desenvolver nas crianças/ alunos?**” a educadora considera que “ (...) é sem dúvida a autonomia, o sentido crítico, a capacidade de dar opiniões, as crianças serem capazes de argumentar e estarem interessadas em aprender sempre mais e a curiosidade.” A professora destaca também a autonomia e ainda “ (...) a confiança, o não ter medo de errar (...) o respeito por todos e por tudo o que nos rodeia, saber observar, estar calmo, recetivo ou interventivo consoante as situações. Ser solidário trabalhando para o bem comum (turma, escola, comunidade). Primeiro os valores, depois a aprendizagem surge naturalmente de forma fluída.”

Em relação à **definição de criatividade** a educadora afirma que “ É capacidade de que cada um de nós, independentemente de sermos adultos, jovens ou crianças, sejamos capazes de olhar para algo e vermos esse algo diferente do outro.” Para a professora “ A criatividade é a capacidade de produzir algo inovador, fazer de modo diferente e atraente, superar dificuldades, responder a problemas ou situações com outro modo de pensar.”

Quando solicitei que classificassem de 0 a 10, **qual a importância da criatividade nas crianças/ alunos**, ambas atribuíram a pontuação máxima.

Tanto a educadora como a professora consideram-se pessoas criativas e reconhecem que **a criatividade é importante para o desenvolvimento das crianças em idade precoce**, pois como refere a educadora “ (...) se nós queremos trabalhar logo a criatividade e a individualidade tem de ser de início, tem de ser na formação da criança desde pequena.” A professora diz que o 1.º Ciclo do Ensino Básico é a base de tudo, “ (...) logo a criatividade deve ser incluída, incentivada, pois quem não quer ter um edifício digno de ser admirado?”

Para ambas (educadora e professora) é fácil perceber se as crianças são ou não criativas, basta observar o modo como se expressam.

Quanto às **estratégias para promover a criatividade**, para a educadora são: “ Lançar-lhes desafios (funciono muito nesse sentido) onde eu sou o elemento desafiador, estar ali para espicaçar a curiosidade deles (...).” Na opinião da professora, as estratégias implicam “ Estimular o gosto pela leitura, favorecer a comunicação escrita e oral, desenvolver o gosto pela matemática e ciências em geral, estimular o sentido crítico, promover o relacionamento interpessoal e multicultural.”

O **ambiente educativo** (espaço, grupo e tempo) é sem dúvida um fator primordial para o desenvolvimento da criatividade. A educadora evidencia a importância do espaço estar praticamente vazio ao início do ano, tendo apenas “ (...) Mesas e material de desenho (marcadores grossos e finos, lápis de cera, lápis grossos) e nada mais do que isto ”, pois o importante é dar oportunidade às crianças para opinarem e construírem o ambiente envolvente. Na opinião da professora “ A sala onde permanecemos a maior parte do tempo tem de ter um ambiente de trabalho agradável, flexível ao nível de organização dos espaços consoante as atividades e vai-se construindo, modificando à medida das nossas necessidades ou projetos - é dinâmica, viva, convida ao trabalho, à reflexão e à contemplação.”

Quanto aos **materiais** para desenvolver a criatividade, a educadora coloca o ênfase na diversidade “mesas de luz (...), blocos de madeira, legos, (...) materiais de expressão plástica diversificados, (...) folhas de diversos tamanhos, diversos formatos, em muitas superfícies (esferovite, cartão, madeira, vidro) ”; enquanto a professora destaca “ materiais de desperdício da mais diversa proveniência”, de modo a que esses materiais sirvam para construir algo, pois como adiantou a professora “ (...) Isso implica logo ser criativo, procurando a caixa, a lata, o papel que melhor solução/ resolução ofereça.”

No que diz respeito às **técnicas / atividades mais eficazes para desenvolver a criatividade nas crianças**, a educadora defende “Toda e qualquer atividade pode estimular ou castrar a criatividade, depende das estratégias que são usadas ” e exemplifica “A moldagem é à priori uma atividade criativa, mas podemos estragá-la completamente, por exemplo, se eu disser a um grupo de crianças para fazer um cesto com ovinhos lá dentro e se eu primeiramente o fizer e querer que eles façam igual.” Na opinião da professora tudo depende da área que esteja a ser trabalhada “Se for Português, nomeadamente a escrita, os alunos são motivados para a leitura de textos que os estimulem a criar novos; na Matemática, a construção de materiais específicos são uma ótima opção para a aprendizagem de determinados conteúdos; nas Ciências, uma visita até à floresta junto à escola faz maravilhas pelas descobertas que nos proporciona; nas Artes há um sem número de estímulos que são eficazes e vão surgindo alguns por si, basta estarmos atentos e aproveitarmos uma frase, uma expressão de um aluno ou um fenómeno da natureza.”

Quanto às **Orientações Curriculares** para a Educação Pré-escolar (OCEPE) questionei a educadora no sentido de perceber se as OCEPE condicionam ou pelo contrário permitem a promoção da criatividade. A entrevistada considera que “É um documento que não nos castra, não nos obriga a utilizar determinadas estratégias, pois permite-nos que nós para atingir determinado objetivo optemos por diferentes caminhos e aí nós temos de estar atentos às capacidades das crianças. Agora a forma, ninguém nos obriga, por isso podemos fazer de uma forma criativa, utilizando a imaginação e muitas vezes opções do grupo.” Já no 1.º Ciclo os professores regem-se por um **Programa e Metas Curriculares** também definidas pelo Ministério da Educação. Segundo a professora que entrevistei estes documentos não a condicionam na sua prática pedagógica, sendo “apenas” documentos orientadores “ (...) Nunca me senti condicionada por um programa (e já conheci muitos) nem metas, cabe ao professor chegar lá, mas não tem de “correr” em linha reta nem ir pela estrada de alcatrão, pode ir pelos caminhos secundários ou de terra batida e sair daí, ele e os seus alunos, mais enriquecidos por terem feito um percurso diferente”.

Promover a criatividade nas crianças / alunos existe uma constante formação, tal como sublinha a educadora “ Acho que precisamos sempre de formação (formação significativa) (...) ” e ainda considera de extrema importância a constante “formação e a atualização.” Da mesma opinião é a professora ao referir que “Formação é para fazer sempre ao longo da nossa vida. Aproveito cada oportunidade que tenho para melhorar no meu trabalho, em todas as áreas (...).

III – Análise das imagens



Figura 1 - Materiais da natureza

diálogos e brincadeiras onde se aprende o respeito pela ideia do outro, promove-se a negociação até chegar ao resultado que desejam. Imaginam, experimentam, constroem, destroem e voltam a construir e nunca está acabado, pois cada grupo de crianças inicia o seu “projeto “ com base no que os colegas deixaram feito. A construção pode durar um momento ou uma semana, depende da continuidade ou não que cada grupo quer dar ao anterior. É relevante para o desenvolvimento das áreas de formação pessoal e social e do conhecimento do mundo. Os materiais podem ser diversificados, de acordo com algum projeto que estamos a trabalhar em sala, ou relacionados com os materiais característicos de uma determinada estação do ano ou livres...porém com uma característica essencial: são sempre promotores da imaginação e do poder de cada criança individualmente ou em grupo criar e acreditar nas suas potencialidades!



Figura 2 - Mesa de luz

A primeira imagem escolhida pela educadora foi uma área onde os materiais da natureza são potenciadores de construções diferentes e criativas. A educadora explicou que “ Dependendo do grupo de crianças que aqui está, das ideias de cada um e das interações que estabelecem entre si desenrolam-se ações diferenciadas,

Ao referir a importância da mesa de luz como recurso utilizado em algumas atividades, a educadora selecionou duas imagens e mencionou as vantagens que esta tem no desenvolvimento da criança. Segundo a educadora, a mesa de luz é um “ espaço onde a luz dá uma nova dimensão aos materiais ali

utilizados. São desenvolvidas essencialmente noções matemáticas, correspondências,



Figura 3 - Mesa de luz

equivalências, simetrias, quantidade, conjunto...de uma forma lúdica, interessante e estimulante.” Referiu ainda que neste espaço “ São exploradas as características dos materiais em relação a como permitem que a luz os “atravesse ou não “ e outras que as próprias crianças vão descobrindo. Também pode ser usada como base de trabalho para experiências de expressão plástica (por exemplo desenhar em folhas opacas, transparentes ou translúcidas em cima da mesa de Luz permite sem dúvida uma nova visão sobre o que se tá a realizar.

Para finalizar o conjunto de imagens a educadora selecionou uma onde se pode observar que realizar atividades através de um projetor (que estava guardado) permite a “descoberta da mistura de diversos materiais, permite a projeção na parede, dando uma perspetiva completamente nova ao trabalho que a criança vai fazendo. Também aqui as noções matemáticas são desenvolvidas, a abordagem à letra e à palavra torna-se bastante mais interessante e a constante experimentação de diversos materiais e de como resultam na projeção, dão à criança uma noção da importância do processo para chegar ao produto final – seu, único e verdadeiramente especial.”



Figura 4 – Atividade através de um projetor

Em relação às imagens selecionadas pela



Figura 5 - Atividade sobre o 25 de abril

professora, a primeira teve em conta um trabalho sobre o 25 de abril e nesta atividade destacou a importância de serem os próprios alunos a criarem os elementos dessa revolução através de materiais de desperdício, afirmando que a atividade “ Resultou numa instalação cheia de vida e cor, tendo os alunos aprendido a história da sua cidade e país.”

Ao escolher a segunda imagem, a professora pediu se podia selecionar duas, visto que ambas se referiam ao mesmo objetivo mas a diferentes áreas curriculares. A primeira imagem escolhida foi selecionada pela importância das ciências experimentais durante o ano letivo, onde a mesma afirma que “Aprende-se Ciências mexendo nos materiais (não só vendo o professor fazer).” Esta importância da manipulação dos materiais estendeu-se também à Matemática, quando a mesma refere que “Na matemática não é só contar e fazer problemas, também é importante utilizar os materiais (pentaminós) de forma lúdica e criativa.”



Figura 6 - Experiências



Figura 7 - Pentaminós

Por último a professora escolheu uma imagem baseada na área curricular do português (personagens de uma história conhecida e lida pelos alunos) onde através desta atividade pretendia que os alunos tivessem a “oportunidade de dar uso a diversos materiais e rever uma multiplicidade de conteúdos ligando as diversas áreas.” E para ver a conclusão desta atividade coloquei a foto final da construção das girafas, que pelas palavras da professora



Figura 9 - Personagens da história
criação, desde caixas, a tubos, tampas e tintas, até vermos estes seres maravilhosos em três dimensões.”

foi um “entusiasmo na



Figura 8 - Girafas

Discussão dos resultados

Neste ponto pretendo estabelecer uma ligação entre os resultados das entrevistas feitas à educadora e à professora com a teoria acerca do tema pesquisado, relacionando a opinião das participantes com alguns autores que tive oportunidade de pesquisar.

Verifiquei que na entrevista à professora, a mesma refere que algumas competências essenciais a um profissional de educação são: “ (...) amor pelo que se faz (...) um ótimo conhecimento do Currículo (...), características essas referidas por Renzulli (1992), pois na opinião do autor é necessário que um professor ame o que faz e que tenha domínio sobre os conteúdos a lecionar.

Em relação às principais competências a desenvolver nas crianças / alunos, autores como Caldeira (2006) e Sousa (1999, citado por Azevedo, 2007) referem que o professor deve dar oportunidades; ensinar a lidar com o erro; fornecer diversos materiais; desenvolver a autonomia; encorajar o aluno para seguir em frente e proporcionar um ambiente agradável nas aulas. Tanto a educadora como a professora também referem que o desenvolvimento da autonomia é prioritário, seguindo-se a confiança e o não ter medo de errar. Embora, a educadora tenha também reforçado e acrescentado outras competências, tais como: “ (...) serem capazes de argumentar e estarem interessadas em aprender mais (...) e o desenvolvimento da “curiosidade” que vai ao encontro do que diz Alencar (2009) que para promover o potencial criativo nos alunos, o professor deve dar oportunidade para levantarem questões, expressarem as suas opiniões, deixá-los explorar para que estes se tornem curiosos.

No que diz respeito à definição de criatividade a educadora afirma que “É a capacidade que cada um de nós, independentemente de sermos adultos, jovens ou crianças, sejamos capazes de olhar para algo e vermos esse algo diferente do outro.” Já a professora define-a como “a capacidade de produzir algo inovador, fazer de modo diferente e atraente, superar dificuldades, responder a problemas ou situações com outro modo de pensar.” Da mesma maneira pensa Guilford (1986, citado por Bahia & Nogueira, 2005) que define a criatividade enquanto “ (...) a capacidade de criar diferentes respostas face a um mesmo problema, ou seja, ter um pensamento divergente” (p.341) ou Torrance (1988, citado por Santos, 2010) que diz “a criatividade é referida como uma capacidade essencial ao ser humano que permite a compreensão de um problema e a criação de novas ideias (...)” (p.341).

Quando foi pedido às entrevistadas que classificassem de 0 a 10 a importância de estimular a criatividade nas crianças/ alunos, ambas atribuíram a pontuação máxima e a professora justificou que “As crianças são criativas por natureza, nós, adultos é que cerceamos esta capacidade inata de criar diferente”.

É preciso ser criativo para desenvolver a criatividade nas crianças! Quem pensa assim é a professora entrevistada quando afirma “Como ensinar música se não sabe uma nota musical?” Criatividade implica também uma “mentalidade aberta, nada formatada (...) um desassossego que me traz confiança” sublinha a educadora. A mesma ideia é corroborada por Martins (2004) quando refere que se um professor é criativo tem todo o potencial para desenvolver a criatividade nos alunos, caso contrário usa apenas estratégias que já conhece, com medo de errar.

Ambas as entrevistadas consideram que a criatividade é, de facto, importante para o desenvolvimento das crianças em idade precoce/ alunos do 1.º Ciclo e não têm dificuldades em exemplificar o que consideram ser crianças criativas afirmando “Não têm de fazer igual ao que está no livro, não têm de fazer igual ao que aparece (até de um pintor famoso)” e podem ser criativas “no modo de se expressarem, de resolver um problema, (...) de ocuparem um espaço de uma folha de papel.”

A promoção da criatividade está sempre presente nos projetos de sala/turma das entrevistadas. As estratégias passam por “Lançar-lhes desafios (às crianças), onde eu (a educadora) sou o elemento desafiador, estar ali para “espicaçar” a curiosidade delas” e também por estimular o gosto pelas diferentes áreas curriculares – Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões – estimulando o sentido crítico e “envolver os pais nas atividades, fazendo da escola um espaço aberto a toda a comunidade educativa” como sublinhou a professora. Também Amabile (1989) destaca a importância do envolvimento da família na escola na promoção da criatividade quando afirma que não é só no seio da família que a criatividade se pode desenvolver, esta também deve ser desenvolvida na escola.

O ambiente educativo (espaço, grupo e tempo) é sem dúvida um fator primordial para o desenvolvimento da criatividade. A educadora evidencia a importância do espaço estar praticamente vazio ao início do ano, tendo apenas “ (...) Mesas e material de desenho (marcadores grossos e finos, lápis de cera, lápis grossos) e nada mais do que isto ”, pois o importante é dar oportunidade às crianças para opinarem e construir o ambiente envolvente. Na opinião da professora “ A sala onde permanecemos a maior parte do tempo

tem de ter um ambiente de trabalho agradável, flexível ao nível de organização dos espaços consoante as atividades e vai-se construindo, modificando à medida das nossas necessidades ou projetos - é dinâmica, viva, convida ao trabalho, à reflexão e à contemplação.” Da mesma opinião são Sanches, Martínez e García (2003) quando referem que a criança precisa de um “ambiente estimulante (...) onde estejam presentes todas as condições necessárias ao aparecimento de ideias criativas (...)” (p.27). Ainda Sternberg e Lubart (1999) reforçam esta ideia ao dizerem que “ o indivíduo precisa de um ambiente que encoraje as suas ideias criativas. O indivíduo pode ter todas as condições internas necessárias ao desenvolvimento do pensamento criativo, mas sem o estímulo do ambiente, a sua criatividade nunca se manifestará” (p.11).

Quanto a materiais para estimular a criatividade podem ser muito diversos desde materiais recicláveis para o 1.º Ciclo ou elementos da natureza, blocos de madeira e legos para o Pré-escolar. O importante é usá-los de modo criativo com o objetivo de transmitir aprendizagens. O mesmo acontece com as inúmeras técnicas/atividades que existem para desenvolver a criatividade nas crianças/alunos, ou seja qualquer uma delas pode desenvolver ou inibir, depende do modo como são colocadas em prática.

Quanto aos documentos orientadores do Ministério da Educação que regulam o Pré-escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, após uma análise, pude concluir que ambos dão pouco destaque ao conceito de criatividade. Todavia, este aspeto não é redutor para as entrevistadas que “olham” para os documentos acima referidos como “orientadores” e não “castradores” das suas práticas.

Criatividade implica inovação e só com formação contínua é que educadores e professores conseguem contribuir para o desenvolvimento de crianças e alunos criativos. É esta a opinião das duas entrevistadas que sublinharam a importância de realizarem formações ao longo da vida.

PARTE III - Reflexão final

Durante todo o meu percurso no Mestrado foram vários os conhecimentos e as aprendizagens adquiridas, quer em aulas, quer nos contextos de estágio, quer ao nível teórico, quer prático. A oportunidade que tive em estagiar nas diferentes valências e de criar projetos foram uma mais-valia para a minha formação, também o trabalho de equipa com as cooperantes, supervisoras e colegas de estágio contribuíram para a minha formação como futura educadora e professora de 1.º Ciclo tanto a nível pessoal como a nível profissional. As diversas leituras realizadas ajudaram-me a ultrapassar algumas dificuldades, melhorando sempre a minha prática pedagógica.

Apesar de já ter contacto com algumas valências, tais como Creche e Pré-escolar, sendo auxiliar de ação educativa, os estágios levaram-me a ganhar um “maior à vontade” com toda a comunidade e principalmente com as crianças. Contudo, a função de auxiliar não é igual à função de educadora, logo foi um desafio para mim a observação das crianças com o intuito de conhecer os seus gostos, interesses e dificuldades para perceber melhor as características de cada uma. Também o planeamento de todas as atividades realizadas em função de objetivos e estratégias adequadas, foi tarefa minha e por fim, a avaliação de todo o processo decorrido.

Tanto em Creche como em Pré-escolar, tive de fazer um Projeto Educativo integrando o Projeto da Instituição e o Projeto de Sala das educadoras cooperantes. Inicialmente a escolha do Projeto foi uma decisão difícil e o respetivo planeamento, contudo o notável trabalho de equipa entre mim e o meu par de estágio e todas as profissionais levaram-me a ultrapassar essa dificuldade. Ao implementar os Projetos, percebi que as atividades a serem realizadas e o resultado das mesmas não era o mais importante, mas sim, a organização do ambiente educativo, os objetivos e as estratégias propostas por nós para que as crianças tivessem um bom desenvolvimento global. Deste modo, na Creche e no Pré-escolar ao querer despertar o interesse e curiosidade nas crianças, realizei momentos de exploração e de descoberta, escutei sempre as suas opiniões (partilharam os saberes que já possuíam), mantive-as em contacto com o exterior, nunca esquecendo os momentos de reflexão.

Esses momentos eram feitos diariamente com as crianças e percebi que eram momentos preciosos porque a linguagem e os registos feitos foram fundamentais para perceber o que as crianças pensavam sobre as aprendizagens efetuadas e sobre o que mais gostavam, conseguindo assim uma melhor avaliação e continuação do meu trabalho.

Pelo que referi anteriormente, considero que a função do educador é de grande importância na vida de cada criança, dando-lhes os meios adequados ao desenvolvimento global. Todavia a função de professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico foi para mim uma descoberta gratificante, onde aprendi o gosto de ensinar e cativar os alunos para as diversas áreas curriculares.

Ao fazer uma retrospectiva da minha prática pedagógica, sinto que existem aspetos positivos e outros que devo aprofundar de forma a melhorá-los. Os aspetos positivos (dar exemplos) devem ser mantidos e os outros devem ser sustentados com autores, através de pesquisas e de uma reflexão.

Deste modo, posso dizer que foi através de uma constante reflexão, que tentei melhorar as minhas estratégias educativas, sempre de forma a proporcionar o melhor às aprendizagens e ao sucesso das crianças/alunos. Quem não reflete sobre a sua prática volta a fazer o mesmo, os mesmos erros, sem dar conta se esta ou não a fazer corretamente. Por isso é essencial que se reflita não só durante a formação inicial mas ao longo de toda a Prática Pedagógica.

Neste projeto foi também realizada uma investigação sobre a promoção da criatividade na Educação de Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico e ao tentar dar resposta às seguintes questões: “Qual o grau de importância atribuído ao desenvolvimento da criatividade nas crianças/ alunos?” e “Qual a forma de promover a criatividade através da prática em contexto educativo?”, pesquisei informação (revisão da literatura) sobre de criatividade e apliquei a entrevista como instrumentos de recolha de dados, que posteriormente analisei e discuti todos os seus resultados.

Após a análise das entrevistadas, percebi que a criatividade é extremamente importante, no que diz respeito ao crescimento global da criança e enquanto futura profissional de educação concordo e acrescento que tudo o que seja inovador, inesperado e diferente do “habitual” tornará um ensino de melhor qualidade, isto é motivador para o educador/professor e para as crianças/alunos.

Mas nem todos os profissionais de educação pensam assim, pois muitas vezes observei em estágios e contextos de trabalho que o conceito de criar algo inovador, “quebrar” a rotina, “arriscar em ousar” não era praticado, talvez por preguiça ou por ser “mais fácil deixarmo-nos “levar”... .

Hoje, como profissional de educação, é o meu dever estar ao nível necessário para proporcionar às diversas experiências e aprendizagens de que necessitam para crescerem e se

desenvolverem emocionalmente e intelectualmente saudáveis e possam construir um futuro cada vez melhor, bem mais significativo, criando e explorando diariamente.

Referências bibliográficas

Abrantes, P. (2002). *Reorganização Curricular do Ensino Básico – Áreas Curriculares*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica.

Aguiar, F. (2001). *Expressão e Educação Dramática: Guia Pedagógico para o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Alencar, E. (2004). *Como desenvolver o potencial criador: Um guia para a liberação da criatividade em sala de aula*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Alencar, E., & Fleith, D. (2003). *Criatividade: Múltiplas perspectivas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. (3.ª ed.).

Amabile, T. (1989). *Growing up creative*. The Creative Educations Foundation Press.

Azevedo, M. I. (2007). *Criatividade e Percurso Escolar: Um estudo com jovens do Ensino Básico* (Dissertação de Doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Braga.

Bahia, S. & Nogueira, S. I. (2005). *Entre a teoria e a prática da criatividade*. In S. Bahia & G. L. Miranda (Eds.), *Psicologia da educação: Temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino* (pp. 332-363). Lisboa: Relógio D'Água.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1999) *Investigação qualitativa em educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Candeias, A. A. (2008). *Criatividade: Perspetiva integrativa sobre o conceito e a sua avaliação*. In Moraes, M, & Bahia, S. *Criatividade e Educação: Conceitos, necessidades e intervenção* (41-64). Braga: Psiquilíbrios.

Contente, M. (1995). *A Leitura e a Escrita - Estratégias de ensino para todas as disciplinas*. Lisboa: Editorial Presença.

Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes- Como formar jovens felizes e inteligentes*. (1.ªed.).Cascais: Pergaminho.

Edwards, C. Gandini, L. & Forman, G. (1995). *As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*. Porto Alegre: Artmed.

Freire, P. (2010). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

Gil, A. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5.ª ed. São Paulo: Editora Atlas.

Haguette, T. (1997). *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. 5.ª Edição Petrópolis.

Hernández, F. (2000). *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed.

Hohmann, M., Post, J. (2011) *Educação de bebés em infantários. Cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lopes, M. (2006). *Animação sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção.

Marques, R. (1994) *Colaboração Escola- Famílias: um conceito para melhorar a Educação*, Revistas ESES, n.º 5, p.4-11

Martinez, M. (1995). Como desarrollar la creatividad em la escuela. In M. Martinez (Orgs). *Pensar y crear: estratégias, programas y métodos* (156-208).Havana: Editorial Academia.

Martins, I., Veiga, M., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R., Rodrigues, A., & Couceiro, F. (2006). *Educação em Ciências e Ensino Experimental - Formação de Professores*. Lisboa: Ministério da Educação - Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Martins, V. (2004). *A qualidade da criatividade como mais valia para a educação*. Instituto Politécnico de Viseu.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica, Ministério da Educação.

Ministério da Educação (1998) *Qualidade e Projeto na Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica, Ministério da Educação.

Morais, M. (2001). *Definição e avaliação da criatividade*. Braga: Universidade do Minho.

Morais, M., & Azevedo, I. (2008) *Criatividade em contexto escolar: Representações de professores dos Ensinos Básico e Secundário*. In Moraes, M. & Bahia, S. *Criatividade e educação: Conceitos, necessidades e intervenção*. (157-196). Braga: Psiquilíbrios.

Nias, J. (2001). Reconhecimento e apoio do desenvolvimento emocional dos professores no seu trabalho. In M. Teixeira (Ed.), *Ser professor no limiar do século XXI* (pp.143-182). Porto: ISET.

Oliveira, E., & Alencar, E. (2010). Criatividade e escola: limites e possibilidades segundo gestores e orientadores educacionais. *Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 14 (2), 245-260.

Papalia, D., Feldman, R., & Olds, S. (2001). *O Mundo da Criança*. Amadora: McGrawHill.

Perrenoud, P. (2002). *A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica*. Artmed Editora: Porto Alegre.

Reis, S. (2008). *Formação e supervisão de Professores para a Educação em Ciências no 1.º CEB*. Aveiro: Universidade de Aveiro - Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa.

Renzulli, J. (1992). A general theory for the development of creative productivity in young people. In F. M

Ribeiro, A. & Ribeiro, L. (1990) *Planificação e avaliação do ensino aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Sá, L. (2001). *Pedagogia Diferenciada – Uma forma de aprender a aprender*. Cadernos do CRIAP, n.º 19. Porto: Asa Editores.

Santos, M. (2010). *Criatividade e autoconceito. Um estudo exploratório com crianças do 5º ano de escolaridade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

Sanchez, M., Martínez, O. & García, C. (2003). *La creatividad en el contexto escolar: Estrategias para favorecerla*. Madrid: Pirámide.

Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da Leitura: A Compreensão de Textos*. Lisboa: DGIDC.

Sousa, B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação Bases Psicopedagógicas*. Vol.1. Lisboa. Instituto Piaget.

Spodek, B., & Saracho, O. (1998) *Ensinado crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artemed.

Sternberg, R., & Lubart, T. (1999) The concept of creativity: Prospects and paradigms. In R. J. Sternberg (Ed.), *Handbook of creativity* (pp. 3-15). Cambridge, NY: Cambridge University Press.

Wechsler, S. (2008). *Criatividade: Descobrindo e encorajando*. Campinas LAMP/IDB.

Zabalza, M. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.

Legislação consultada:

- Decreto – Lei n.º 5/1997 de 10 de fevereiro. *Lei Quadro da Educação Pré-Escolar*. Diário da República n.º34 – I Série. Ministério da Educação e Ciência;
- Decreto – Lei n.º 139/2012 de 5 de julho. *Diário da República n.º129 – I Série*. Ministério da Educação e Ciência;
- Decreto –Lei n.º 1/98 de 2 de janeiro
- Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº 46/86; Diário da República n.º 273 de 14 de outubro.
- Decreto-Lei nº 3 de 2008, de 7 de janeiro

Anexos

Índice de anexos

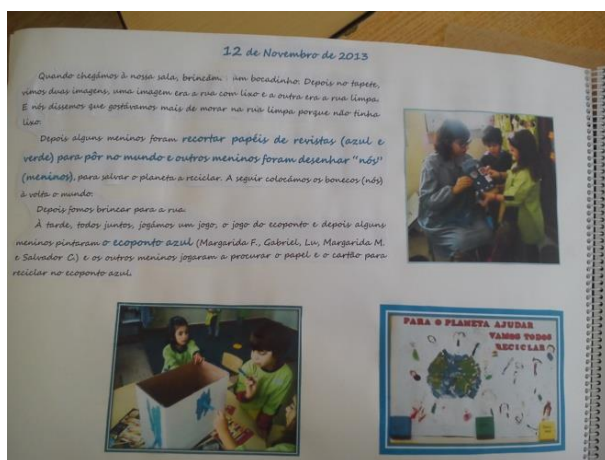
Anexos Estágio Pré-escolar	60
Anexo 1 – Livro de sala	60
Anexo 3 – Atividade “ Construção do bowling e atira à lata”	62
Anexo 4 – Áreas de Conteúdo trabalhadas	63
Anexo 5 – Ida aos ecopontos exteriores.....	67
Anexo 6 – Divulgação do Projeto Final (Juntos aprendemos a reciclar)	68
Anexo 7 - Esquema da estrutura à planificação do Pré-escolar (Hernandez 2000)	69
Anexos do Estágio 1.º Ciclo do Ensino Básico	71
Anexo 8 – Produção textual – A carta.....	71
Anexo 9 – Mercado na sala de aula (compra e venda).....	72
Anexo 10 – Construção de uma bússola	73
Anexo 11 – Experiência “ O ar tem peso” e “ O ar existe”	73
Anexo 12 – “O voo da gaivota”	74
Anexos do Estágio em Creche	75
Anexo 13 - Quadro de acesso aos pais (outono)	75
Anexo 14 – Área “ O Cantinho dos sons”	76
Anexo 15 - Áreas de Conteúdo trabalhadas	77
Anexo 16 - Esquema da estrutura à planificação da Creche (Hernandez 2000)	80
Anexo 17 – Diversos recursos para contar histórias	82
Anexo 18 – Exploração dos enfeites de Natal.....	84
Anexo 19 – Decoração da árvore de Natal.....	84
Anexo 20 - Peças de roupa de inverno “ Vamos vestir o Pedro”	85
Anexo 21 – Uso de peças de roupa de inverno “ Vamos vestir o Pedro”	85
Anexo 22 – “Amigo” Pedro	85
Anexo 23 – Técnicas de pintura.....	86
Anexo 24 – Modelagem	87
Anexo 25 – Desenho livre	87
Anexo 26 – Exploração de papéis de diferentes texturas	87
Anexo 27 – Exposição – divulgação do Projeto	88
Anexo 28 – Guião da Entrevista à Educadora de Infância.....	89

Anexo 29 - Guião da Entrevista à Professora de 1.ºCiclo do Ensino básico	92
Anexo 30 - Transcrição das Entrevistas à Educadora de Infância e à Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico	95

Anexos

Anexos Estágio Pré-escolar

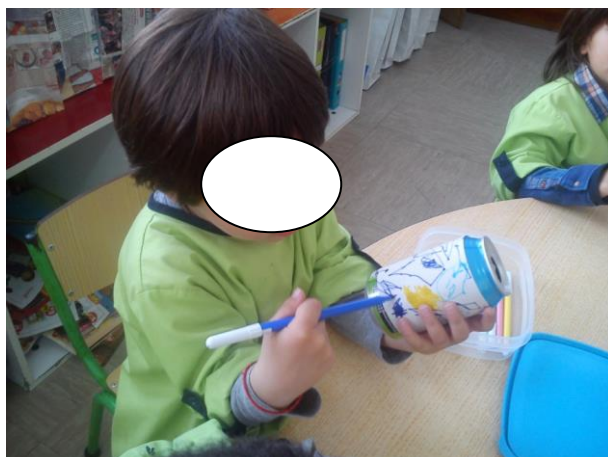
Anexo 1 – Livro de sala



Anexo 2 – Construção de Ecopontos (pintura)



Anexo 3 – Atividade “ Construção do bowling e atira à lata”



Anexo 4 – Áreas de Conteúdo trabalhadas

Áreas de Conteúdo	Domínios	Objetivos Gerais
Área de Formação Pessoal e Social	- Identidade/Autoestima; - Independência/Autonomia; - Cooperação; -Convivência Democrática/ Cidadania.	-Identificar características individuais; -Expressar as suas necessidades. -Encarregar-se das tarefas que se comprometeu realizar e executa-as de forma autónoma; -Demonstrar curiosidade pelo mundo que a rodeia. -Partilhar materiais com os colegas; -Dar oportunidade aos outros de intervirem; -Participar na planificação das atividades; -Contribuir para o bom funcionamento das atividades. - Aceitar a resolução de conflitos através da comunicação; -Questionar e argumentar, procurando chegar a soluções ou conclusões negociadas; - Manifestar respeito.
Linguagem e Abordagem à Escrita	-Reconhecimento e Escrita de Palavras; -Conhecimento das Convenções Gráficas;	-Escrever o seu nome; -Reconhecer algumas palavras escritas do seu quotidiano. -Saber que a escrita e os desenhos transmitem informação;

	-Compreensão de Discursos Orais e Interação Verbal.	-Identificar os elementos de um livro; -Conhecer o sentido direcional da escrita; -Distinguir letras de números; -Predizer acontecimentos de uma narrativa; -Utilizar o desenho ou garatujas para fins específicos. -Fazer perguntas e dar respostas; -Relatar e recriar experiências e papeis; -Descrever acontecimentos e narrar histórias com a sequência apropriada.
Matemática	- Números e Operações; - Geometria e Medida; -Organização e Tratamento de Dados.	- Classificar objetos; - Contar objetos; - Utilizar a linguagem “mais” ou “menos” para comparar dois números; - Expressar as suas ideias sobre como resolver problemas específicos oralmente ou por desenhos. - Compreender e identificar figuras geométricas. - Interpretar dados em tabelas e/ou pictogramas simples.
Expressão Plástica	- Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Compreensão; -Apropriação da Linguagem	- Representar vivências através de meios de expressão. -Produzir composições plásticas.

	Elementar das Artes; -Desenvolvimento da Criatividade.	-Imitar juízos sobre as suas produções.
Expressão Dramática	- Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Compreensão; - Desenvolvimento da Criatividade.	- Interagir em atividades de faz-de-conta; -Inventar e experimentar personagens – representar.
Expressão Musical	- Desenvolvimento da Capacidade de Expressão e Compreensão; - Desenvolvimento da Criatividade.	-Cantar canções utilizando a memória; -Utilizar a percussão corporal e instrumentos musicais. -Explorar potencialidades e da música e realizar ações motoras diferenciadas.
Expressão Motora	- Deslocamentos e Equilíbrios; - Jogos.	-Realizar percursos que integrem várias destrezas -Praticar jogos infantis.
Conhecimento do Mundo	-Localização do Espaço e no Tempo; - Conhecimento do Ambiente Natural e Social;	-Localizar elementos dos seus espaços de vivência e movimento; - Identificar algumas diferenças e semelhanças entre meios diversos. - Identificar elementos do ambiente natural; - Estabelecer semelhanças e diferenças entre materiais; - Classificar materiais em grupos; - Identificar a origem de um dado material.

	- Dinamismo das Inter-Relações Natural-Social.	-Descrever a importância da separação de resíduos sólidos domésticos, identificando os materiais a colocar em cada um dos ecopontos; - Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente.
--	---	---

Anexo 5 – Ida aos ecopontos exteriores



Anexo 6 – Divulgação do Projeto Final (Juntos aprendemos a reciclar)

Anexo 7 - Esquema da estrutura à planificação do Pré-escolar (Hérmendez 2000)

O que as crianças devem aprender: -A importância dos 3 R's: reduzir, reutilizar e reciclar; -Preservar o ambiente; -Criar hábitos de separação de resíduos.	Estratégias que podem ser desenvolvidas: -Diálogo e reflexões diárias; - Histórias; -Canções; -Jogos; -Separação de resíduos; -Reutilização de materiais; -Exploração do meio ambiente; -Criar ecopontos para a sala de atividades; -Conhecer ecopontos reais, ida semanal aos ecopontos mais próximos da instituição;	Como começar: -Ensinar o porquê dos 3 R's; -Partir das conceções das crianças; -Partir do que é palpável, com a construção dos ecopontos; -Exploração de objetos para a distinção do material de que são feitos.	Recursos: -Histórias; -Panfletos informativos; -Materiais do quotidiano das crianças; -Material de desperdício; -Imagens reais; -Material didático; -Fantocheiro; -Ecopontos; -A própria natureza; -Ecopontos da cidade
Conexões com outras matérias e saberes: -Matemática: sequências; gráficos; classificação e seriação e contagem; -Expressão plástica: motricidade fina; motricidade larga e diferentes técnicas. -Expressão dramática: teatro; dinâmicas de representação. -Expressão musical: canções; sons do ambiente natural. -Linguagem oral e abordagem à escrita: histórias; comunicação; elementos textuais e conversas diárias.	Tema: <i>-Juntos Salvamos o Planeta</i> Ideia-chave: -Sensibilização e preservação do ambiente – a sala ecológica	Apresentação final: -Livro interativo (que faz a ponte entre o colégio e os pais/encarregados de educação; -Teatro final de divulgação do projeto.	

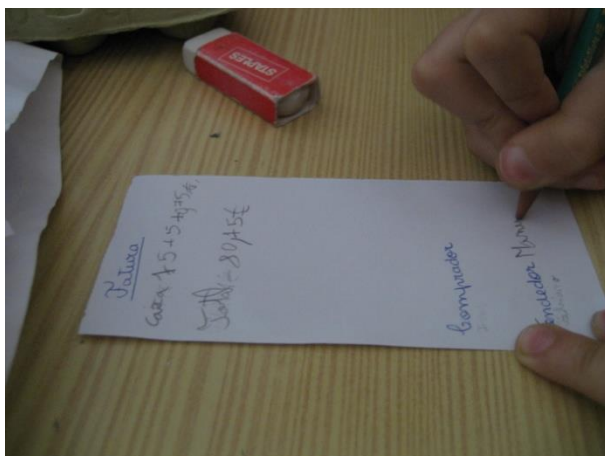
- Formação pessoal e social: diálogo; reflexão; cidadania; cooperação.			
Atividades para todo o grupo: -Conceções prévias; -Reflexões diárias; -Resolução por consenso maioritário; -Leitura de histórias; -Produções plásticas; -Teatro; -Canções; -Realização de receitas;	Atividades em grupo: -Produções plásticas; -Realização de receitas; -Jogos;	Atividades individuais: -Atividades direcionadas; -Questionamento individual acerca do tema; -Produções plásticas.	Avaliação: -Tabelas de registo: consolidação de conhecimentos, observação de atitudes, comportamento e desempenho; -Reflexões/avaliações; -Reflexões diárias; -Produções; -Conteúdo do comentário pessoal.

Anexos do Estágio 1.º Ciclo do Ensino Básico

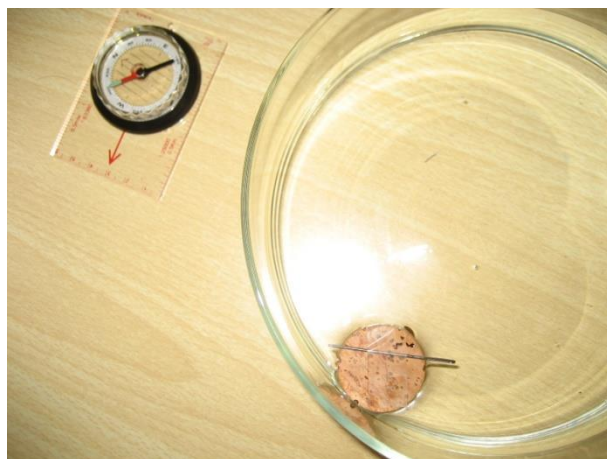
Anexo 8 – Produção textual – A carta



Anexo 9 – Mercado na sala de aula (compra e venda)



Anexo 10 – Construção de uma bússola



Anexo 11 – Experiência “ O ar tem peso” e “ O ar existe”



Anexo 12 – “O voo da gaivota”



Anexos do Estágio em Creche

Anexo 13 - Quadro de acesso aos pais (outono)



Quadro de acesso aos pais (época de Natal)



Anexo 14 – Área “ O Cantinho dos sons”



Anexo 15 - Áreas de Conteúdo trabalhadas

Áreas de Desenvolvimento	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos
Área do Domínio Cognitivo	-Desenvolver a comunicação e a linguagem oral; -Desenvolver conceitos matemáticos simples;	-Envolver-se no conto da história; -Participar nas tarefas do conto da história; -Prestar atenção à história; -Conhecer e reproduzir palavras novas; -Associar palavras a imagens/personagens; -Responder a questões; -Escutar e cantar canções simples; - Conhecer as cores e identifica-las; -Adquirir noções de dentro/fora; depressa/devagar; em cima/em baixo; atrás de/a frente de;
Área do Desenvolvimento Motor	-Desenvolvimento da motricidade global; -Desenvolvimento da motricidade fina;	-Correr, saltar, gatinhar, jogar com bolas ou balões; -Experimentar as suas capacidades corporais; -Reconhecer e identificar as diferentes partes do corpo; - Pegar corretamente num pincel e ou lápis corretamente; - Tocar/manusear os instrumentos musicais; -Efetuar o movimento da rasgagem; - Explorar livremente a tinta; -Manusear a massa;
Área do Desenvolvimento Pessoal e Social	-Promover a autonomia pessoal da criança;	- Pedir e explicar aquilo que pretende; - Ir buscar o que deseja;

	-Desenvolver a socialização; -Desenvolver o conhecimento que a criança tem sobre si mesma;	-Arrumar o que desarruma; -Esperar pela sua vez; -Estar atento ao adulto; -Interagir com os adultos e outras crianças; - Conhecer/identificar/diferenciar o seu próprio corpo; -Identificar algumas sensações ligadas às perceções sensoriais; -Identificar vestuário da estação de inverno;
Área do Pensamento Criativo	-Proporcionar à criança o contacto com várias formas de expressão; -Proporcionar à criança atividades de expressão plástica; -Sensibilizar e promover o gosto pela música;	-Ter autonomia e iniciativa; -Explorar materiais novos; -Desenvolver a criatividade e o espírito criativo; -Explorar materiais novos; -Sentir as texturas e o cheiro do material; -Expressar-se livremente através do desenho; -Expressar-se livremente através da pintura; -Desenvolver o seu gosto estético; - Escutar, dançar, cantar, brincar com jogos sonoros; -Desenvolver a concentração e a memorização; -Conhecer/diferenciar diferentes sons; -Explorar diferentes sons através dos instrumentos musicais;

	-Estimular a capacidade que a criança tem em representar o real;	- Desenvolver a capacidade do jogo simbólico; - Observar livros e imagens;
--	--	---

Anexo 16 - Esquema da estrutura à planificação da Creche (Hernández 2000)

O que as crianças devem aprender:	Estratégias que podem ser desenvolvidas:	Como começar:	Recursos:
-Conceito de família (pai, mãe, irmão, irmã, avó e avô); -Conhecer novas canções; -Desenvolver a expressão plástica utilizando diferentes materiais; -Conhecer as tradições do Natal: nascimento de Jesus, árvore de Natal e objetos natalícios; -Explorar o som/silêncio; -Explorar instrumentos musicais; -Conhecer diferentes animais; - Identificar as diferentes partes do corpo; -Conhecer a roupa de roupa de inverno;	- Diálogo; - Histórias; - Canções; - Jogos; -Exploração das cores; -Exploração da digitinta; -Exploração de massa; -Desenho livre; -Pintura; -Decoração de uma árvore de Natal; -Manuseamento de instrumentos musicais; -Vestir um boneco; -Jogos	-A ensinar o conceito de família; -Partir do conceito família para a época natalícia; -Através da abordagem do Natal, trabalhar o presépio, dando ênfase à exploração dos animais; -Como indutor irá ser utilizado o suporte de várias histórias; através destas trabalharemos os instrumentos musicais e a exploração corporal;	-Histórias (livro, cenário, fantoches); -Materiais de desperdício; -Cartões com imagens; -Material didático; -Fantocheiro; -Decorações de Natal;
Atividades para todo o grupo: -Conto de histórias; -Canções; -Exploração de instrumentos; -Exploração do som o do silêncio; -Decoração do Pinheiro de Natal; -Visualização de cartões com imagens; -Vestir com roupas de Inverno “O Pedro”;	Atividades em grupo: -Produções plásticas (desenho, pintura, moldagem); -Jogos de associação; -Exploração de misturas (farinha e água, farinha maizena) -Técnica de rasgar/amachucar/colar/carimbar;	Atividades individuais: -Atividades direcionadas (jogos, exploração de vários objetos das áreas)	

Tema: -Cantinho dos Sons	Apresentação final: - Livro interativo (que faz a ponte entre o colégio e os pais/encarregados de educação; - Teatro final de divulgação do projeto.	Avaliação -Observação direta; -Observação indireta; -Registo de observação (grelhas); - Registo fotográfico/áudio;
---	---	---

Anexo 17 – Diversos recursos para contar histórias

Placard - História “ O Nascimento de Jesus”



Folhas A3 – História “ O Pinheiro de Natal”



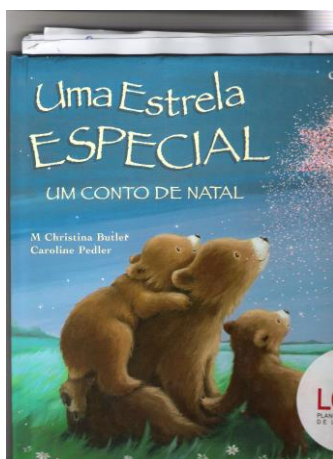
Fantoches de papel -História “ Os Reis Magos”



Caixa de cartão - História “Faz frio no inverno



Livro - História- “ Uma Estrela Especial”



Anexo 18 – Exploração dos enfeites de Natal



Anexo 19 – Decoração da árvore de Natal



Anexo 20 - Peças de roupa de inverno “ Vamos vestir o Pedro”



Anexo 21 – Uso de peças de roupa de inverno “ Vamos vestir o Pedro”



Anexo 22 –“Amigo” Pedro



Anexo 23 – Técnicas de pintura

Mãos



Esponjas



Pincéis



Anexo 24 – Modelagem



Anexo 25 – Desenho livre



Anexo 26 – Exploração de papéis de diferentes texturas



Anexo 27 – Exposição – divulgação do Projeto



Anexo 28 – Guião da Entrevista à Educadora de Infância

Tipo: Semiestruturada

Entrevistada: Educadora de Infância (Pré-Escolar)

Blocos	Objetivos específicos	Questões da entrevista
Bloco 1 Apresentação da entrevista e instruções	- Dar a conhecer os objetivos da entrevista. - Garantir a confidencialidade. - Pedir autorização para a gravação da entrevista. - Informar que após a transcrição da entrevista a poderá consultar	- Esta entrevista servirá exclusivamente para a elaboração do trabalho de investigação. - Para assegurar as informações dadas posso gravar a entrevista? - Após a transcrição da entrevista, poderá consultá-la.
Bloco 2 Caraterização da entrevistada	- Conhecer o percurso profissional da entrevistada.	- Posso-lhe perguntar a sua idade? - Qual a sua formação académica? - Qual o seu percurso profissional? - Quanto tempo tem de serviço? - Qual a razão que a levou a escolher a profissão atual? - Qual o contexto em que se encontra a trabalhar?
Bloco 3 Competências de um profissional de educação	- Perceber as competências essenciais de um profissional da educação.	- Quais as competências que acha que são essenciais a um profissional da educação?
Bloco 4 Competências a desenvolver nas crianças	- Avaliar na perspetiva do entrevistado quais são as principais competências a desenvolver nas crianças.	- Quais são as principais competências a desenvolver nas crianças?
Bloco 5 Criatividade	- Definir criatividade. - Caraterizar as qualidades da educadora.	- O que é para si a criatividade? - Classifique de 0 a 10, qual a importância para si do estímulo da criatividade nas crianças? Porquê? - Que características são essenciais numa educadora para desenvolver a criatividade nas crianças

Bloco 5 Criatividade	- Ser ou não ser autocriativa. - Conhecer o grau de importância que a educadora atribui à criatividade em idades precoces. - Perceber se as crianças são ou não criativas do ponto de vista da educadora.	- Considera-se uma pessoa criativa? Porquê? - Acha que a criatividade é importante para o desenvolvimento das crianças na idade do pré-escolar? Porquê? - No seu dia a dia como é que percebe se as crianças são ou não criativas?
Bloco 6 Projeto Educativo Projeto turma	- Aferir se a criatividade está presente no projeto curricular. - Compreender as estratégias para a promoção da criatividade na prática letiva.	- A promoção da criatividade nas crianças constitui uma finalidade educativa no seu projeto curricular? - Se sim, quais as estratégias que utiliza para promover essa criatividade?
Bloco 7 Ambiente educativo (espaço, tempo e grupo)	- Perceber quais os tipos de cuidados que o educador tem aquando a organização do ambiente educativo (espaço, grupo e tempo). - Conhecer o material que a educadora usa na promoção da criatividade.	- No início do ano quais são as preocupações quando organiza o ambiente educativo, ao nível do espaço, do grupo e do tempo? - Quando adquire materiais para a sala, tem em conta se eles estimulam a criatividade? Que - tipo de material?
Bloco 8 Técnicas/ Atividades	- Conhecer as técnicas mais valorizadas pela educadora no âmbito da criatividade.	- Quais as estratégias que considera mais eficazes para desenvolver a criatividade nas crianças?
Bloco 9 Documentos orientadores (OCEPE)	- Perceber se as OCEPE promovem ou limitam a criatividade. - Identificar as dificuldades encontradas na promoção da criatividade.	- Considera que as OCEPE (orientações curriculares da educação pré-escolar) condicionam ou pelo contrário, permitem a promoção da criatividade? Em que aspetos? - Tem encontrado dificuldades na promoção desta competência? Porquê?

Bloco 10 Necessidades formativas ao nível da criatividade	- Identificar as necessidades formativas ao nível da criatividade.	- Sente necessidade de realizar alguma formação para melhor promover a criatividade nas crianças?
Bloco 11 Análise de imagens da prática	- Compreender como é que a educadora promoveu a criatividade em algumas das atividades realizadas na sua prática.	- A partir das dez imagens da sua prática (anteriormente selecionadas por si) selecione três imagens que mais promoveram a criatividade explicando um pouco melhor o contexto e as estratégias.
Bloco 12 Questão aberta		- Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?

Anexo 29 - Guião da Entrevista à Professora de 1.º Ciclo do Ensino básico

Tipo de entrevista: Semiestruturada

Entrevistada: Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Blocos	Objetivos específicos	Questões da entrevista
Bloco 1 Apresentação da entrevista e instruções	- Dar a conhecer os objetivos da entrevista. - Garantir a confidencialidade. - Pedir autorização para a gravação da entrevista. - Informar que após a transcrição da entrevista a poderá consultar.	- Esta entrevista servirá exclusivamente para a elaboração do trabalho de investigação. - Para assegurar as informações dadas posso gravar a entrevista? - Após a transcrição da entrevista, poderá consultá-la.
Bloco 2 Caraterização da entrevistada	- Conhecer o percurso profissional da entrevistada.	- Posso-lhe perguntar a sua idade? - Qual a sua formação académica? - Qual o seu percurso profissional? - Quanto tempo tem de serviço? - Qual a razão que a levou a escolher a profissão atual? - Qual o contexto em que se encontra a trabalhar?
Bloco 3 Competências de um profissional de educação	- Perceber as competências essenciais de um profissional da educação.	- Quais são as competências que acha que são essenciais a um profissional da educação?
Bloco 4 Competências a desenvolver nos alunos	- Avaliar na perspetiva do entrevistado quais são as principais competências a desenvolver nos alunos	- Quais são as principais competências a desenvolver nos alunos?
Bloco 5 Criatividade	- Definir criatividade. - Caraterizar as qualidades da professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico	- O que é para si a criatividade? - Classifique de 0 a 10, qual a importância da si do estímulo da criatividade nos alunos? Porquê? - Que características são essenciais numa professora de 1.º Ciclo do Ensino Básico para desenvolver a criatividade nos alunos?

Bloco 5 Criatividade	- Ser ou não ser autocriativa - Conhecer o grau de importância que a professora atribui à criatividade em idades precoces. - Perceber se os alunos são ou não criativos do ponto de vista da professora do 1.º ciclo do Ensino Básico.	- Considera-se uma pessoa criativa? Porquê? - Acha que a criatividade é importante para o desenvolvimento dos alunos no 1.º Ciclo? Porquê? - No seu dia a dia como é que percebe se os alunos são ou não criativos?
Bloco 6 Projeto Educativo Projeto turma	- Aferir se a criatividade está presente no Projeto Turma - Compreender as estratégias para a promoção da criatividade na prática letiva.	- A promoção da criatividade nos alunos constitui uma finalidade educativa no seu projeto turma? - Se sim, quais as estratégias que utiliza para promover essa criatividade?
Bloco 7 Ambiente educativo (espaço, tempo e grupo)	- Perceber quais os tipos de cuidados que o educador tem aquando a organização do ambiente educativo (espaço, grupo e tempo). - Conhecer o material que a educadora usa na promoção da criatividade.	- No início do ano quais são as preocupações quando organiza o ambiente educativo, ao nível do espaço, do grupo e do tempo? - Quando adquire materiais para a sala, tem em conta se eles estimulam a criatividade? Que - tipo de material?
Bloco 8 Técnicas / Atividades	- Conhecer as estratégias mais valorizadas pela professora no âmbito da criatividade.	- Quais as estratégias que considera mais eficazes para desenvolver a criatividade nos alunos?
Bloco 9 Documentos orientadores (Metas curriculares / Programas)	- Perceber se as Metas Curriculares e os Programas promovem ou limitam a criatividade. - Identificar as dificuldades encontradas na promoção da criatividade.	- Considera que os documentos orientadores (Metas curriculares e Programas) condicionam ou pelo contrário, permitem a promoção da criatividade? Em que aspetos? - Tem encontrado dificuldades na promoção desta competência? Porquê?

Bloco 10 Necessidades formativas ao nível da criatividade	- Identificar as necessidades formativas ao nível da criatividade.	- Sente necessidade de realizar alguma formação para melhor promover a criatividade nas crianças?
Bloco 11 Análise de Imagens da prática	- Compreender como é que a professora promoveu a criatividade em algumas das atividades realizadas na sua prática.	- A partir das dez imagens da sua prática (anteriormente selecionadas por si) selecione três imagens que mais promoveram a criatividade explicando um pouco melhor todo o contexto e as estratégias utilizadas
Bloco 12 Questão aberta		- Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?

Anexo 30 - Transcrição das Entrevistas à Educadora de Infância e à Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Categoria	Subcategoria	Educadora	Professora
II - Entrevista	1- Quais são as competências que acha que são essenciais a um profissional da educação?	“Sensibilidade, mentalidade aberta (muito mesmo), acreditar que se está constantemente a aprender, ter a capacidade de verdadeiramente ouvir as crianças e a partir daí elaborar o seu trabalho e depois ir aceitando sempre as atualizações que existem perante determinado caminho que queremos fazer do nosso percurso profissional.”	“Primeiro que tudo amor pelo que se faz. Dedicção, paciência, doação (...) prazer por cada momento que passo com as crianças e na escola. Depois um ótimo conhecimento do Curriculum e métodos de ensino que sejam eficazes e apelativos. Muita cultura geral, não parar de aprender (ser sempre curioso) e deixar-se encantar, maravilhar-se com o mundo, ser adulto sem esquecer a criança que já fomos. Cumprir sempre o que se diz, ser íntegro e verdadeiro.”
	2- Quais são as principais competências a desenvolver nas crianças/ alunos?	“No pré-escolar o que eu tento desenvolver é sem dúvida a autonomia, o sentido crítico, a capacidade de dar opiniões, as crianças serem capazes de argumentar e estarem interessadas em aprender sempre mais e a curiosidade. São essas as grandes capacidades que eu tento desenvolver para que depois a aprendizagem seja natural, porque se elas estiverem motivadas, se forem curiosas, se acreditarem nelas próprias o percurso acontece.”	“No início da escolaridade deve ser desenvolvida a autonomia, a confiança, o não ter medo de errar pois todos estamos ali a aprender. Depois o respeito por todos e por tudo o que nos rodeia, saber observar, estar calmo, recetivo ou interventivo consoante as situações. Ser solidário trabalhando para o bem comum (turma, escola, comunidade). Primeiro os valores, depois a aprendizagem surge naturalmente de forma fluída.”
	3- O que é para si a criatividade?	“A criatividade é a capacidade de que cada um de nós, independentemente de sermos adultos, jovens ou crianças, sejamos capazes	“A criatividade é a capacidade de produzir algo inovador, fazer de modo diferente e atraente,

		de olhar para algo e vermos esse algo diferente do outro. É sermos capazes de partir desse olhar, quer seja o nosso quer seja o das crianças, ajudá-las, respeitando o que elas pensam e a partir daí realizar trabalho, fazer um percurso com elas até atingirem a meta que será o trabalho que querem, por exemplo, mostrar aos colegas. É sermos capazes de ter um olhar diferente, fugir ao que está já pré-estabelecido, ao que já existe aos milhares, à dita normalidade, formatação, é tudo o que foge a isso, mas não significando isso menos cuidado (não de forma nenhuma) tudo consciente, analisado e refletido, muito refletido. Não podemos só dizer que estamos a trabalhar para a criatividade ao deixá-los fazerem o que elas querem, não é por aí. Sempre acreditei e cada vez acredito mais (chamem-lhe criatividade, imaginação) mas toda e qualquer criança não deve fazer o que quer, deve querer o que faz e para eles quererem o que fazem têm de gostar, têm de encontrar o que gostam, não somos nós que lhe vamos dizer: Tu vais gostar disto, não pode, não funciona, eles até aceitam porque são pequeninos, mas não funciona.”	superar dificuldades, responder a problemas ou situações com outro modo de pensar.”
	4- Classifique de 0 a 10, qual a importância para si do estímulo da criatividade nas crianças/ alunos?	“É 10, porque cada vez mais eu acho que nós temos de colaborar, ajudar a formar crianças, jovens, adultos que sejam capazes de trabalhar ou de se sentirem felizes em diferentes áreas. Não podemos afunilar o	“Para mim é 10, com toda a certeza! As crianças são criativas por natureza, nós, adultos é que cerceamos esta capacidade inata de criar diferente. Primeiro por comodismo, pois acompanhar diferentes maneiras de resolver

		percurso delas para que tenham única e exclusivamente um interesse, uma direção, até um emprego. A realidade hoje não se coaduna com isso, é claro que há capacidades que a criança tem logo de início e que demonstra mais facilidades numa área do que noutras, mas através da criatividade e através do estímulo do que cada uma delas sabe, o importante para mim é que elas sejam capazes de fazer e de gostar de muitas coisas.”	situações dá muito trabalho, depois queremos tudo “arrumadinho” e os “brainstorming” são isso mesmo – uma tempestade- e elas causam agitação, desarrumação e o professor tem muito medo de perder o controlo da aula/turma.”
	5- Que características são essenciais numa educadora/ professora para desenvolver a criatividade nas crianças/ alunos?	“ (...) A minha intenção é desenvolver a criatividade nas crianças, por isso as características que eu tenho de ter, não sei muito bem quais é que são, sei que acredito verdadeiramente no que faço e nas capacidades de todas as crianças e de cada uma. Tem a ver com a tal mentalidade aberta, nada formatada em constante formação...um desassossego que me traz confiança...”.	“Primeiro que tudo tem/deve ser criativo. Como ensinar música se não sabe uma nota musical? Como ensinar a cozinhar se não conhece os ingredientes? Como ensinar a ler ou escrever se não conhece os métodos? Se é uma profissional extática não permite o movimento; se é controladora não permite a fluidez”.
	6 - Considera-se uma pessoa criativa? Porquê?	“ Considero, não sou de todo formatada.” “Gosto de saber mais e diferente que me faça sentido perante cada situação, cada momento, cada grupo de crianças.”	“Sou uma pessoa criativa/ imaginativa. Sempre me conheci assim, por vezes com alguma “arrelia” para a família, pois fugia das normas do bom comportamento, mas sempre com a sua compreensão pois no final conseguia o que propunha com bons resultados - os caminhos é

			que eram diferentes. Mas as coisas não caem do céu (bem... os meteoritos caem!) e sempre procurei estudar, aprender, observar as boas práticas e experimentar as novas teorias, para ver como resultavam. Sou muito crítica do meu trabalho e detesto ser rotineira, cada aula, cada dia tem de ser diferente e desafiante – criativo, mas produtivo.”
	7 - Acha que a criatividade é importante para o desenvolvimento das crianças em idade precoce / alunos em 1.º Ciclo?	“Acho, porque logo desde pequeninas (da idade da creche) se conduzirmos num trabalho repetitivo (por exemplo: se numa sala com 15 crianças todos os trabalhos forem iguais) estamos a formatar as crianças. (...) E se nós queremos trabalhar logo a criatividade e a individualidade tem de ser de início, tem de ser na formação da criança desde pequena (...).”	“O 1º Ciclo é o Ensino Básico – se é a base esta deve ser bem estruturada em todos os domínios, pois defeitos na estrutura condicionam todo o edifício, logo a criatividade deve ser incluída, incentivada, pois quem não quer ter um edifício digno de ser admirado?”
	8 - No seu dia a dia como é que percebe se as crianças/alunos são ou não criativas/os?	“Considero que uma criança é criativa se tem facilidade em contar uma história, quando lhe damos, por exemplo, uma pista e ela a partir daí inventa, inventa, inventa. Se nos grafismos e na expressão plástica (desenhos) é uma criança muito repetitiva é porque alguém lhe incutiu à priori aquele modelo de casa por exemplo, de pássaro, de sol e aí eu tento sinceramente desconstruir. O que pretendo é que elas acreditem que o que têm de tentar fazer é o melhor que conseguirem, não têm de fazer igual ao colega, não têm de fazer igual ao que está no livro, não têm de fazer igual ao que aparece	“ No modo de se expressarem, resolver um problema, desenvolverem, ocuparem o espaço de uma folha de papel, brincarem...a linguagem da criatividade é multidisciplinar.”

		(até de um pintor famoso) não têm de fazer igual, pelo contrário, deixá-las fazer à sua maneira.”	
	9 - A promoção da criatividade nas crianças/ alunos constitui uma finalidade educativa no seu projeto de sala/ turma? Se sim, quais as estratégias que utiliza para promover essa criatividade?	“Sim, sem dúvida nenhuma. As estratégias que utilizo são: lançar-lhes desafios (funciono muito nesse sentido) onde eu sou o elemento desafiador, estar ali para “espicaçar” a curiosidade deles. Nunca faço trabalhos com a intenção que sejam iguais, acho que isso não leva a lado nenhum, por outro lado, tento ter na sala e criar com elas materiais diferentes que as estimulem. A utilização, por exemplo, de fichas acontece muito esporadicamente e em contextos específicos e realizadas por mim e por vezes com as crianças (...).”	“Sim, a promoção de criatividade bem como da sensibilidade estética estão bem presentes no projeto turma. Estimular o gosto pela leitura, favorecer a comunicação escrita e oral, desenvolver o gosto pela matemática e ciências em geral, estimular o sentido crítico, promover o relacionamento interpessoal e multicultural, envolver os pais nas atividades fazendo da escola um espaço aberto a toda a comunidade educativa, são pontos em destaque no nosso projeto e de que não fazemos letra morta.”
	10- No início do ano quais são as preocupações quando organiza o ambiente educativo, ao nível do espaço, do grupo e do tempo?	“Os materiais não são todos colocados no início do ano (depende do grupo que eu vou ter) (...). Quando o grupo vem todo de novo, ou uma grande parte (independente também das idades) apenas é colocado na sala o material essencial, para elas não se sentirem perdidas. Tenho por exemplo, mesas e material de desenho (marcadores grossos e finos, lápis de cera, lápis grossos) e nada mais do que isto. Podem ter uma área de referência, se eu sei (porque à priori são crianças que vêm da creche) quais eram os gostos deles, se eles por exemplo gostam da parte dos livros, tenho ali 2 ou 3 livros (não tenho a área definida) mas tenho ao acesso	“A sala onde permanecemos a maior parte do tempo tem de ter um ambiente de trabalho agradável, flexível ao nível de organização dos espaços consoante as atividades e vai-se construindo, modificando à medida das nossas necessidades ou projetos- é dinâmica, viva, convida ao trabalho, à reflexão e à contemplação.”

		deles; podem ter, por exemplo a área da casinha com um boneco ou uma cama (se eu tiver esse feedback da educadora que esteve com eles no ano anterior). A base é esta, porque a partir daí nós vamos construindo, elas vão revelando os desejos delas, o que é que gostavam de ter, algumas crianças revelam verbalmente, outras nós apercebemo-nos. A sala vai sendo construída ao longo de todo o ano. Temos áreas que este ano estiveram mais ou menos fixas e temos outras que estiveram em constante mudança. Trabalho em pequenos grupos. As rotinas são logo estabelecidas no início do ano, uma questão de também as crianças se organizarem no tempo, no dia. As rotinas que são fixas têm a ver com a manhã (a refeição, a reunião de grupo, a saída para o almoço, o regresso à sala, as atividades e a entrega às 15h30 ou a ida para o A.T.L). As reuniões de grupo que são feitas de manhã, que numa fase inicial tem como objetivo primordial que eles se conheçam (canção do bom dia...) e posteriormente os objetivos vão-se modificando. Assim que começamos a funcionar relativamente bem em grupo, eu começo a planificar com eles o dia, ou às vezes quando é possível, dois ou três dias naquela semana. O que é que vamos fazer? Combinamos o que vamos fazer e antes de irmos embora reunimo-nos novamente	
--	--	--	--

		(reunião da tarde) para avaliar o que é que foi feito do que tínhamos planeado (o que é que fizemos, o que é que não conseguimos fazer, o que correu bem e o que correu menos bem). Esta reflexão diária ajuda-os a prever e a pensar sobre o que fizeram (atividades e comportamentos) e além disso apercebem-se normalmente que, quando algo não corre bem é porque tem a ver com algum tipo de comportamento mais desajustado de A, B ou C e isso vai-se refletir ao longo do tempo, sem grandes críticas, vai-se diluindo, eles vão começando a perceber que têm de colaborar, que é importante ouvir os outros, que é importante conversar. Essencialmente, esse momento de avaliação da tarde é muito importante em termos de estruturação e de personalidade.”	
	11- Quando adquire materiais para a sala tem em conta se eles estimulam a criatividade? Que tipo de materiais?	“ Temos as mesas de luz onde são trabalhadas diversas áreas das OCEPE. A mesa de luz tem um foco, que o próprio nome indica, na luz. A luminosidade dos objetos que as crianças utilizam em cima da mesa de luz é completamente diferente do que usar no chão ou em cima de uma mesa opaca, dando assim outra perspetiva, outra luminosidade aos materiais e como tal desperta-as para situações distintas. Temos muitos blocos de madeira, temos legos. Nos legos por exemplo, as crianças tiveram agora uma primeira fase em que	“Adquirir...adquirir...no sentido de comprar não. Raramente se compra material; desde o primeiro dia do ano é promovido junto dos alunos e encarregados de educação a recolha de materiais de desperdício da mais diversa proveniência. Este material é guardado em caixas devidamente etiquetadas, na dispensa e por norma reutilizamos materiais para os nossos projetos. Logo, é em função dos materiais que temos que vamos construir algo; isso implica logo ser criativo, procurando a caixa, a lata, o papel que melhor solução/ resolução ofereça”.

		tentaram fazer o que estava no catálogo e a partir de determinada altura (por iniciativa delas) começaram a deixar os catálogos de lado e agora estão de facto a imaginar e criar, fazem cidades, fazem coisas espetaculares (não seguindo nenhum modelo de outrem), seguindo o deles. Tento ter materiais de expressão plástica diversificados e ao acesso deles, só não tenho aqueles que são mais perigosos devido a ter crianças de 3 anos. Ter materiais de boa qualidade também é importante, por isso prefiro ter menos material, mas que seja de qualidade e que os ajude a concretizar os objetivos deles. Por exemplo, em termos de papel, eles não desenham só em uma folha A4 branca, elas desenham em folhas de diversos tamanhos, diversos formatos, em muitas superfícies (esferovite, cartão, madeira, vidro). Portanto as superfícies diversificadas são também importantes no trabalho das crianças”.	
	12- Quais as técnicas / atividades que considera mais eficazes para desenvolver a criatividade nas crianças/alunos?	“ Toda e qualquer atividade pode estimular ou castrar a criatividade, depende das estratégias que são usadas. A moldagem é à priori uma atividade criativa, mas podemos estragá-la completamente, por exemplo, se eu disser a um grupo de crianças para fazer um cesto com ovinhos lá dentro e se eu primeiramente o fizer e querer que eles façam igual. Neste exemplo não há um único	“Depende da área que esteja a trabalhar. Se for Português, nomeadamente a escrita, os alunos são motivados para a leitura de textos que os estimulem a criar novos; na Matemática, a construção de materiais específicos são uma ótima opção para a aprendizagem de determinados conteúdos; nas Ciências, uma visita até à floresta junto à escola faz maravilhas pelas descobertas que nos proporciona; nas Artes há um

		momento de criatividade, há simplesmente imitação. É claro que são importantes os materiais, mas é mais importante as estratégias e a forma como nós as apresentamos.”	sem número de estímulos que são eficazes e vão surgindo alguns por si, basta estarmos atentos e aproveitarmos uma frase, uma expressão de um aluno ou um fenômeno da natureza.”
	13- Considera que os documentos orientadores (Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar e as Metas) condicionam ou pelo contrário, permite a promoção da criatividade?	“Em relação às OCEPE penso que é um documento base e que nos permite perfeitamente trabalhar o que consideramos importante e se consideramos importante a criatividade permite-nos trabalhá-la. É um documento que não nos castra, não nos obriga a utilizar determinadas estratégias, pois permite-nos que nós para atingir determinado objetivo optemos por diferentes caminhos e aí nós temos de estar atentos às capacidades das crianças. Agora a forma, ninguém nos obriga, por isso podemos fazer de uma forma criativa, utilizando a imaginação e muitas vezes opções do grupo”	“Os documentos orientadores são isso mesmo orientadores. Nunca me senti condicionada por nenhum programa (e já conheci muitos) nem metas, cabe ao professor chegar lá, mas não tem de “correr” em linha reta nem ir pela estrada de alcatrão, pode ir pelos caminhos secundários ou de terra batida e sair daí, ele e os seus alunos, mais enriquecidos por terem feito um percurso diferente.”
	14- Tem encontrado dificuldades na promoção deste tema?	“Não, porque faz parte da minha maneira de ver as coisas e porque especialmente da parte das crianças vejo-as a desenvolverem-se de forma natural e em relação aos pais, basta explicarmos o porquê das nossas opções e mostrar-lhes que resultam.”	“Não, como pode deduzir do que lhe respondi anteriormente. Mesmo para os pais tem sido gratificante a forma como os filhos aprendem, sentem e vivem a escola.”
	15- Sente necessidade de realizar alguma formação para melhor promover a criatividade nas	“Acho que sim, acho que precisamos sempre de formação (formação significativa) não aquela que só fazemos porque “somos obrigados”, pois essas formações nem sempre correspondem às áreas que temos dificuldade. Existem profissionais em tantas	“Formação é para fazer sempre ao longo da nossa vida. Aproveito cada oportunidade que tenho para melhorar no meu trabalho, em todas as áreas, claro que “criatividade” é um termo muito abrangente e não o posso aplicar só à parte artística...até a formação que tive em Ciências ou

	crianças/alunos?	áreas, que nos ensinam tanto e sim essas formações são valiosas. Há sempre alguma parte em nós que está mais adormecida ou porque não temos tanta aptidão ou porque estamos a trabalhar mais noutras áreas e descuramos um bocadinho outras. Portanto é importantíssima a formação e a atualização.”	Matemática foi deveras criativa.”
	16- A partir de algumas imagens da sua prática (anteriormente selecionadas) selecione três imagens que mais promoveram a criatividade e explique porquê?	Área da natureza – “Uma área onde os materiais da natureza são potenciadores de construções diferentes e criativas, onde a imaginação toma o lugar principal. Dependendo do grupo de crianças que aqui está, das ideias de cada um e das interações que estabelecem entre si desenrolam-se ações diferenciadas, diálogos e brincadeiras onde se aprende o respeito pela ideia do outro, promove-se a negociação até chegar ao resultado que desejam. Imaginam, experimentam e constroem, destroem e voltam a construir e nunca está acabado, pois cada grupo de crianças inicia o seu “projeto” com base no que os colegas deixaram feito. A construção pode durar um momento ou uma semana, depende da continuidade ou não que cada grupo quer dar ao anterior. É relevante para o desenvolvimento das áreas de formação pessoal e social e do conhecimento do mundo. Os materiais podem ser diversificados, de acordo com algum projeto que estamos a trabalhar em sala, ou relacionados com os materiais característicos de uma determinada estação	Exposição 25 de abril - “Em vez de fazer um trabalho bidimensional, como tínhamos muitos tubos (fornecidos por uma fábrica de embalamento) cada aluno fez um elemento da Revolução do 25 de abril. As figuras centrais eram Salgueiro Maia, os seus soldados e as pessoas que em Lisboa apoiaram esta iniciativa, sem esquecer os cravos e o chaimité. Resultou numa instalação cheia de vida e cor, tendo os alunos aprendido a História da sua cidade e país - Manipulação de materiais - “Aprende-se Ciências mexendo nos materiais (não só vendo o professor fazer). Na matemática não é só contar e fazer problemas, também é importante utilizar os materiais (pentaminós) de forma lúdica e criativa.” - Girafas em 3D - “A girafa que comia estrelas D. agusta, Olímpia e a girafinha Gira Gira, saíram dos livros, foram construídas na sala e posteriormente no varadim da nossa escola. Que entusiasmo na criação, desde caixas, a tubos, tampas e tintas, até vermos estes seres maravilhosos em três dimensões os alunos

		do ano ou livres...porém com uma característica essencial: são sempre promotores da imaginação e do poder de cada criança individualmente ou em grupo criar e acreditar nas suas potencialidades!” Atividades na mesa de luz – “A Mesa de Luz, espaço onde a luz dá uma nova dimensão aos materiais ali utilizados. São desenvolvidas essencialmente noções matemáticas, correspondências, equivalências, simetrias, quantidade, conjunto...de uma forma lúdica, interessante e estimulante. Também se exploram as características dos materiais em relação a como permitem que a luz os “atravesse ou não “ e outras que as próprias crianças vão descobrindo. Também pode ser usada como base de trabalho para experiências de expressão plástica (por exemplo desenhar em folhas opacas, transparentes ou translúcidas em cima da mesa de Luz permite sem dúvida uma nova visão sobre o que se tá a realizar.” Aprender através do projetor – “Ainda utilizando luz como base de exploração, o projetor para além de permitir a descoberta da mistura de diversos materiais, permite a projeção na parede, dando uma perspetiva completamente nova ao trabalho que a criança vai fazendo. Também aqui as noções	tiveram. Dei-lhes a oportunidade de dar uso a diversos materiais e rever uma multiplicidade de conteúdos ligando as diversas áreas.”
--	--	---	---

		matemáticas são desenvolvidas, a abordagem à letra e à palavra torna-se bastante mais interessante e a constante experimentação de diversos materiais e de como resultam na projeção, dão à criança uma noção da importância do processo para chegar ao produto final – seu, único e verdadeiramente especial.”	
	17- Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentar algum aspeto?		“O professor nunca deve perder o entusiasmo, a alegria da descoberta, o recriar-se constantemente pois os seus alunos são únicos e especiais e merecem aprender, viver, desenvolver-se num ambiente acolhedor e potenciador da sua criatividade.”

